

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**O Movimento de Restauração do Século XIX e o Baptismo que
Transforma Segundo Alexander Campbell**

De Jonny Petterson Carneiro, nº 52676

Tese orientada pelo Professor Doutor António Manuel Antunes Matos Ferreira, elaborada para a obtenção do grau de mestre em **HISTÓRIA E CULTURA DAS RELIGIÕES**

Lisboa, Setembro de 2017

Agradecimento

Assim, havendo tantos docentes a quem agradecer pela motivação dada para que eu chegasse a conclusão deste trabalho, tenho, antes de mais, de agradecer ao Professor Doutor António Manuel Antunes Matos Ferreira, por sua orientação nesta pesquisa, mas sobretudo pelo tempo dedicado, pela paciência e pela sabedoria passada, sem as quais certamente não teria percorrido e concluído este caminho. Não posso deixar de agradecer ao Robert Edward Lee Fife meu amigo e pastor, pelo incentivo e a sua muita dedicação em revisar este trabalho, e mais ainda à minha esposa Tatiana Carla de Lima Carneiro e às nossas filhas Clara Lima Carneiro e Carolina Lima Carneiro pelo apoio nas mais variadas formas, no tempo que abriram mão da minha companhia para que eu pudesse concluir esta etapa da nossa vida. E, principalmente, a Deus para quem em todo o tempo quero fazer o meu melhor para que Ele seja glorificado.

RESUMO

Na primeira metade do século XIX, surge nos Estados Unidos da América o Movimento de Restauração iniciado por Thomas Campbell, pelo seu filho Alexander Campbell e por Barton Stone. Buscavam juntos a unidade da Igreja, fazendo da Bíblia sua única regra de fé e de conduta, rejeitando toda e qualquer forma de credo, buscando viver segundo o padrão do Novo Testamento.

Entretanto, enfrentaram a complexa realidade das correntes cristãs ao buscarem viver o lema deste movimento: «Falamos onde a Bíblia fala e calamo-nos onde a Bíblia se cala»; e «Usar nomes Bíblicos para coisas Bíblicas»; quanto ao batismo, passaram a buscar a perspectiva segundo a Igreja Primitiva. Esta questão do batismo cristão tornou-se o ponto central deste movimento. Alexander Campbell defendeu um batismo para remissão dos pecados que muda e transforma o indivíduo e a sociedade na qual está inserido.

Esta posição com relação ao batismo produziu debates em meio à imensidão de perspectivas sobre o batismo cristão no seio das comunidades existentes. E este novo movimento ramificou-se até os dias de hoje dando origem a três grupos de Igrejas: Igrejas de Cristo (Cristãs), Igrejas de Cristo (a Capela) e a Igreja Cristã (Discípulos de Cristo).

Palavras-chave: Unidade cristã; Batismo; Remissão dos Pecados; Movimento de Restauração; Alexander Campbell, Bíblia.

ABSTRACT

In the first half of the nineteenth century the United States of America saw the Restoration Movement initiated by Thomas Campbell, his son Alexander Campbell, and Barton Stone, who sought together the unity of the Church, making the Bible their only rule of faith and conduct, rejecting every form of creed, seeking to live according to the pattern of the New Testament.

With this search for unity, they confronted the complex reality of Christian currents in seeking to live the motto of this movement: «Where the Scriptures speak, we speak; where the Scriptures do not speak, we do not speak»; and, «Using Biblical Names for Biblical Things», as for baptism they began to seek perspective according to the Early Church. This question of Christian baptism has become the central point of this movement. Alexander Campbell advocated a baptism for remission of sins that changes and transforms the individual and the society in which he is inserted.

This position regarding baptism has produced debates amidst the immensity of perspectives on Christian baptism within existing communities. And this new movement branched out to the present day giving rise to three groups of Churches: Churches of Christ (Christians), Churches of Christ (a Capella) and Christian Church (Disciples of Christ).

Keywords: Christian unity; Baptism; Remission of Sins; Restoration Movement; Alexander Campbell, Bible.

Índice

Introdução	05
Metodologia	09
Capítulo I – O Movimento de Restauração do século XIX.....	10
1.1 – Principais líderes do início do Movimento de Restauração.....	14
1.2 – Thomas Campbell (1763-1851).....	14
1.3 – Barton Warren Stone (1772-1844).....	17
1.4 – Alexander Campbell (1788-1866).....	18
1.5 – Alexandre Campbell: impulsor do Movimento de Restauração...25	
1.6 – Revista mensal e debates públicos.....	28
Capítulo II – O baptismo cristão como herança.....	30
2.1 – O baptismo de João Baptista e o seu simbolismo.....	32
2.2 – O baptismo como o rito central do novo Movimento de Renovação....35	
2.3 – O baptismo cristão apresentado no Novo Testamento.....	39
2.3.1 – O baptismo no prisma de Jesus Cristo.....	41
2.3.2 – O baptismo na perspectiva dos Apóstolos.....	44
2.3.3 – O baptismo para a remissão dos pecados.....	47
Capítulo III – O baptismo cristão em transformação: significado e prática.....	52
3.1 – A desvalorização dos vínculos e a mudança do religioso.....	56
3.2 – O baptismo como produto religioso.....	60
3.3 – O rito do baptismo e seu valor diante das mudanças religiosas.....	61
3.4 – O baptismo que transforma na perspectiva de Alexandre Campbell.....	63
Conclusão.....	71
Bibliografia.....	74

Introdução

A Reforma protestante no século XVI marcou as sociedades da Europa central e ocidental, com implicações futuras na existência do cristianismo e em muitas partes do mundo. Todavia, enquanto se manifestava uma rejeição protestante ao papado romano e às doutrinas do catolicismo, crescia também, no seio dos ambientes protestantes, novas formas de poder. O que foi entendido por certas sensibilidades como um processo que acabara por gradualmente incorporar-se na “nova Igreja” o que era velho e contestado. Credos e manuais, sínodos ou conselhos logo foram sendo encarados e contestados. Como se algemasse as mentes dos homens e o espírito de reforma considerada como “autêntica” foi-se afastando das Igrejas protestantes, suplantada pelo que se considerava “o espírito do mundo”. O poder da religião, para além do seu alcance filosófico e sociocultural, logo se fundiu em debates sobre as formas e cerimónias, em contendas de opiniões especulativas. Debates ferozes sobre o direito político e religioso daqueles que eram tomados como “hereges” em ambientes societários marcados pelas várias reformas evangélicas. Após anos de debates no seu seio alimentou e permitiu o surgimento de uma enorme diversidade de denominações protestantes.

Apesar da dimensão de “restauração” ser um motivo comum ao longo da história do cristianismo, é apresentada no primeiro capítulo como em quase toda a extensão desta pesquisa a expressão Movimento de Restauração a referir-se exclusivamente ao grupo que brota do movimento de reforma religiosa iniciada por Thomas Campbell (1763-1851), Alexander Campbell (1788-1866) e Barton W. Stone (1772-1844), na primeira metade do século XIX nos Estados Unidos da América, onde metodistas, baptistas, presbiterianos e outras linhas do protestantismo, abandonaram rótulos denominacionais a fim de serem “unicamente cristãos”. O objecto central desta dissertação é analisar o modo como, em relação a estas discórdias e confrontos, alguns cristãos projectaram, na primeira metade do século XIX, o desejo pela unidade da Igreja, buscando formas e meios de restaurar o cristianismo primitivo. Com o desejo de abandonar toda a controvérsia sobre credos e de numerosos esforços malogrados para “recolocar o sentido do princípio axial da reforma: a autoridade da Bíblia”. Tendo a Bíblia como única regra a ser seguida, convictos de que a união dos discípulos de Cristo seria essencial para a conversão do mundo. A questão da pertença tornou-se fundamental através do baptismo e da sua natureza.

Estudamos algumas personalidades para quem a Bíblia, só recitada e apropriada por credos na cabeça e no coração, isto é, por formas identitárias e de divisão, não estava capacitada para reformar a Igreja e livrá-la de toda a contenda, disputa e cisma. Pelo contrário, para esses homens somente a Bíblia, e a Bíblia somente em palavras e em actos, poderia reformar a Igreja e salvar o mundo. Assim como Alexander Campbell escreveu: «Enquanto, então, seria, se pudéssemos, quer com a língua ou com a caneta, proclamar tudo o que cremos, e tudo o que sabemos, até os confins da terra, tomamos a Bíblia, toda a Bíblia, e nada além da Bíblia, como o fundamento de toda união e comunhão cristã»¹.

O objetivo da criação dessa dinâmica foi, portanto, a unidade entre os cristãos visando restaurar os ideais da Igreja do Novo Testamento, tendo a Bíblia como única autoridade escrita, sem nenhum credo. Este Movimento buscava a unidade cristã, unidade descrita pelo Apóstolo Paulo: «Há um só corpo e um só Espírito, do mesmo modo que a esperança para a qual foram chamados é uma só. Existe um único Senhor, uma só fé e um só baptismo. Há um só Deus, Pai de todos, que está acima de todos e que atua através de todos e em todos»².

Esta unidade, descrita provavelmente no primeiro século pelo apóstolo Paulo, e buscada pelo Movimento de Restauração, parece ser vista aos olhos de hoje como algo ilusório, pois a partir de uma única raiz da fé apostólica muitos ramos surgiram, tendo essas ramificações distintas visões do baptismo. Isto é, a ritualização do início de pertença na qual estão inscritos aspectos centrais da compreensão do cristianismo: a fé, a salvação, o pecado, a conversão e o perdão. Aspectos relevantes que configuram os vínculos dos cristãos à sua comunidade e o modo como esta se entende na sua relação com a sociedade. O baptismo marca o início da vida cristã. E na Igreja primitiva era a partir dele que se constituía toda a vida comunitária, único meio para se tornar membro da Igreja. Sua base era a fé naquilo que os ensinamentos falavam acerca da pessoa de Jesus Cristo; todavia, o baptismo passou por várias percepções e transformações, tornando-se num ponto decisivo para muitas comunidades.

¹ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System, in Reference to the Union of Christians, And a Restoration of Primitive Christianity, as Plead in the Current Reformation*, Publisher Pittsburg, Forrester & Campbell, 1839, p12. Disponível na internet: <https://archive.org/stream/christiansystem010camp#page/n3/mode/2up> [Consultado a 12 Julho de 2016].

² *Efésios*, 4.4-6, em *A Bíblia para Todos*, Tradução Interconfessional. Portugal: Sociedade Bíblica de Portugal, 2009.

No baptismo, cada pessoa assume responsabilidade na medida em que, por meio dele, se vincula a uma comunidade, com direitos e deveres determinados pela instituição, e por meio da mesma, cada um se coloca ao serviço de Deus.

Neste trabalho, no segundo capítulo, abordamos o baptismo cristão enquanto uma herança judaica e as suas conotações simbólicas, sua força distintiva no cristianismo antigo. Começando pelo baptismo iniciado por João Baptista, passando pelo simbolismo do baptismo visto por muitos estudiosos como rito de iniciação e purificação na Igreja Primitiva. Como rito de iniciação, torna-se o primeiro e mais importante rito de iniciação à comunidade cristã e está presente desde o início da Igreja, exercendo um papel fundamental no rito e na prática da fé cristã, comum às mais diversificadas correntes ou denominações cristãs. Todavia, numa sociedade que se apresenta como fragmentada, o homem moderno foi perdendo o significado da vivência comunitária religiosa, trazendo uma crise no meio da sociedade hoje globalizada.

Apresentamos também, na terceira e última parte desta dissertação, o baptismo cristão como vínculo do religioso no contexto complexo da sociedade contemporânea, buscando conhecer como se realiza a relação original entre esta ordenança e a realidade que ela expressa, através de uma exposição, em breves traços, de algumas transformações sofridas tanto na sua prática como no seu significado. O baptismo cristão, logo na sua prática inicial, vai contra uma estrutura social religiosa já existente, pois iniciava um novo movimento direccionado a todos os homens, não importando se era judeu ou gentio; o que tornava todos iguais perante Deus. Sendo de livre decisão, era uma mudança de *status*, introduzindo o indivíduo numa comunhão universal, desnacionalizada.

Apresentaremos também o Movimento de Restauração, iniciado no século XIX, e os seus principais líderes, centralizando mais na pessoa de Alexander Campbell e seus pensamentos a respeito do baptismo cristão, comparando-o com o baptismo na Igreja primitiva e a sua importância para a mudança de pensamento e de natureza para a modernidade. Esta reflexão situa-se no facto do baptismo ter vindo a ser mais um elemento à disposição dessa religiosidade fragmentada e o seu valor iniciático já não ser o mesmo. Contudo, o seu poder vinculado continua a ser importante, mesmo que muitas vezes mal compreendido e muitas vezes levado à prática após a vivência e a experiência comunitária.

No início da Igreja Primitiva, o baptismo já havia sido um alvo de debate. A alguns entre os crentes de Corinto que estavam atribuindo ao baptismo um significado diferente

do qual o próprio Jesus Cristo havia feito: «Será que Cristo está dividido? Será que Paulo morreu na cruz pela vossa salvação, ou foram batizados em nome de Paulo»³?

O apóstolo Paulo teve que lutar contra esta divisão na Igreja primitiva, e ao longo da história da Igreja esse confronto continuou. E o batismo, apesar de ser um vínculo religioso, tem servido também para distinguir as várias tradições eclesiais e sistemas teológicos. Assim como o Apóstolo Paulo estabelece o assunto, quando diz: «Pelo batismo, fomos sepultados com Cristo e tomamos parte na sua morte. Assim podemos viver também uma nova vida à semelhança dele que ressuscitou da morte pelo poder divino do Pai»⁴. Ao que parece para Paulo, os batizados em Cristo Jesus participavam nos efeitos salvíficos da morte de Cristo.

Apesar das Escrituras serem usadas como fonte para a doutrina do batismo, entre as denominações cristãs vamos encontrar divergências sobre o batismo: como batizar (imersão, derramamento ou aspersão), a quem batizar (lactentes ou confessores), e os efeitos do batismo (*ex opere operato* [“pela obra operada”; batismo realmente confere graça], a remissão dos pecados, ou mero simbolismo).

Assim, este trabalho tem como objectivo compreender o batismo cristão na sua dimensão de transformação e de diferenciação, como vínculo da assunção da atitude de fé no seio das sociedades onde o cristianismo se apresenta tal qual foi ensinado e praticado por Alexander Campbell no âmbito do Movimento de Restauração no século XIX.

³ I Coríntios, 1.13, em *A Bíblia para Todos*.

⁴ Romanos, 6.4, em *A Bíblia para Todos*.

Metodologia

A documentação utilizada neste trabalho corresponde, sobretudo, à análise das principais obras de Alexander Campbell e de obras que constituem a memória do Movimento de Restauração do Século XIX. Todos os textos em língua estrangeira foram por nós traduzidos.

Este trabalho pretende organizar essa memória e esse pensamento, sistematizando-o a partir de eixos principais: por um lado, a problemática do batismo cristão como hipótese para a unidade dos cristãos e como objecto de influência na sociedade; e, por outro lado, perceber porque é que, nesta busca da unidade e a centralidade do batismo se verificou a impossibilidade dessa convergência, nomeadamente o significado da resistência de outras comunidades e também pela percepção diferenciada da própria natureza do batismo.

Assim, no primeiro capítulo, apresentamos o Movimento de Restauração do século XIX, o seu início e os seus principais líderes. No segundo capítulo, o batismo cristão e sua herança a partir de João Baptista até o batismo para remissão dos pecados segundo a perspectiva de Alexander Campbell. E, por fim, no terceiro capítulo, o batismo cristão em transformação no seu significado e prática, numa sociedade moderna contemporânea, apresentado como um “produto do religioso” e o seu valor diante das mudanças de rito de iniciação, sublinhando a importância do batismo cristão que, segundo a visão de Alexander Campbell, implica a mudança moral e espiritual da pessoa e da sociedade.

Capítulo I

O Movimento de Restauração do século XIX

Ao longo da história do cristianismo surgiram, em muitos momentos, homens e mulheres com paixão reformadora, muitas vezes em um contexto histórico que lhes era totalmente antagónico, denunciando o que para eles era considerado como a apostasia da Igreja, clamando pelo retorno à pureza da fé. Durante os séculos XIII, XIV e XV destacam-se figuras como João Wycliff na Inglaterra, João Huss em Boémia, Jerónimo Savonarola em Florença, entre outros. O ano de 1517 foi marcante neste processo quando Martinho Lutero expôs as suas 95 teses na porta da catedral de Wittemberg, tradicionalmente considerado com o acto deflagrante da Reforma Protestante.

A Reforma Protestante transformou a fisionomia da cristandade ocidental. A Europa religiosa ficou dividida e marcada por diversas formas de confissões cristãs: a católica e as designadas comumente como protestantes: luteranismo, calvinismo e outras, assumindo diversas formas de Igreja nacional, como ocorreu em Inglaterra. Com a expansão do protestantismo desde os finais do século XVI, por exemplo, como ocorreu com a Igreja da Inglaterra na região denominada Virgínia, a que se seguiu o movimento dos peregrinos do Mayflower para a costa da Nova Inglaterra em dezembro de 1620. Este desenvolvimento fará com que as colónias americanas do norte atlântico do continente se tornem, ao longo do século XVIII, num centro importante de recomposição religiosa, nomeadamente pela presença de uma pluralidade confessional que tinha em comum o sentimento de serem perseguidas no continente europeu.

Nessa época, levantou-se uma preocupação reformadora nos Estados Unidos e, enquanto o velho continente se encontra marcado pela “Idade da Razão” e com o surgimento do liberalismo político, filosófico, social e religioso, as denominações históricas protestantes rompem com os muros erguidos por esse racionalismo europeu no Novo Mundo e favorecem o surgimento de novas associações protestantes que, em poucos anos, se estenderam por todo o país e começaram a evangelização de outras terras. O pluralismo religioso foi um facto na vida dos Estados Unidos desde o início. A extensão desse pluralismo em 1700 foi ilustrada por Ahlstrom:

«Um viajante em 1700 fazendo o seu caminho a partir de Boston para as Carolinas iria encontrar congregacionalistas de intensidade variável,

Baptistas, Presbiterianos, Quakers, e várias outras formas de radicalismo puritano; Reformadores Holandeses, Alemães e Franceses; Luteranos Suecos, Finlandeses e Alemães; Menonitas e radicais pietistas, Anglicanos e Católicos romanos; aqui e ali uma congregação de judeus, [...] e alienados de qualquer forma de religião institucional»⁵.

Filhos da liberdade, podemos assim dizer sobre o pensamento daqueles que escolheram o Novo Mundo como a sua nova morada, e essa liberdade não trouxe consigo somente o desejo de uma independência política mas também religiosa. O mesmo pensamento político de “uma nova nação”, onde se procurava construir a sociedade sobre os princípios da democracia e liberdade, como se estivessem vivendo no início dos tempos, estimulou e favoreceu procurar fazer o mesmo com a Igreja, entendida em sentido lato como sendo a experiência cristã autêntica.

Foi neste contexto histórico que nasceu o Movimento de Restauração, também conhecido nos dias de hoje como Movimento Stone-Campbell⁶, onde seus integrantes acreditavam que a Reforma do século XVI não havia esgotado as intenções de mudança, por não terem como objectivo, desde dentro, a restauração da Igreja do Novo Testamento. Para os integrantes do Movimento de Restauração, Martinho Lutero somente pretendeu a reforma da Igreja Católica, esteve mais preocupado em combater a autoridade do papa do que recuperar a autoridade de Cristo. Nem Lutero nem Calvino defenderam a visão moderna do Estado secular e, portanto, neutro em matéria religiosa.

Segundo Monroy, os principais objectivos do Movimento de Restauração eram a restauração da doutrina e da vida da Igreja ao modelo estabelecido pelo Novo Testamento e a “evangelização dos perdidos”⁷. A maneira do Velho Mundo era reformar, a maneira do Novo Mundo era “fazer novas todas as coisas”. E uma maneira de tornar “novas todas as coisas” correspondia a restaurar as formas primitivas do cristianismo evangélico, tomadas como autênticas em relação aos ensinamentos de Jesus. Comenta Robert Richardson que o objectivo não era o de reparar os defeitos do cristianismo moderno, mas sim o de restaurar o original e puro, tanto na letra, como no espírito, no princípio e na

⁵ AHLSTROM, E. Sydney – *A Religious History of the American People*, New Haven and London: Yale University Press, 1972, p. 4.

⁶ Nome proposto pelo historiador Leroy Garrett – *The Stone-Campbell Movement: Anecdotal History of Three Churches*, College Press Publishing Company, 1981. Alguns resistiram ao nome porque sentiram que Campbell deveria preceder esta designação; outros pensaram que ele abandonou o “Ideal Restauração”. Ainda assim, é actualmente a designação mais amplamente utilizado para um movimento que abraça três igrejas distintas.

⁷ MONROY, A. Juan – *Movimiento de Restauración, Historia y Documentos*, Editora Irmayol, 1986, p. 13.

prática⁸. Adoptando de uma vez só a base original, somente a Bíblia, como a apresentação do plano inteiro e todas as especificações necessárias dadas por Deus sobre a qual estava a Igreja primitiva. Homens como Elias Smith e Abner Jones na Nova Inglaterra (nordeste dos EUA), James O'Kelly na Carolina do Norte e Virginia, Barton W. Stone em Kentucky, Thomas e Alexander Campbell na Pensilvânia e na Virginia do Oeste e Walter Scott no sul de Ohio deram início a este Movimento.

Mas em que acreditavam esses homens que deram vida ao Movimento de Restauração no início do século XIX? Eles nunca quiseram apresentar um sistema escrito e dogmático das suas crenças. Seu credo era a Bíblia e os seus lemas eram: «Falamos onde a Bíblia fala e calamo-nos onde a Bíblia se cala»⁹; «No essencial, unidade; no não essencial, liberdade; em todas as coisas, o amor»¹⁰; «Usar nomes Bíblicos para coisas Bíblicas»; «Nenhum credo, somente Cristo, nenhum outro livro, só a Bíblia»; «A Bíblia é a nossa única regra de fé e prática» e «Não somos os únicos Cristãos, mas unicamente Cristãos».

Isso levou à união entre Thomas e Alexander Campbell com Barton W. Stone, mesmo havendo muitas diferenças em suas opiniões mas, no essencial, quanto à fé estavam unidos. Comenta Fife, que estes homens:

«[...] passaram a crer que uma Igreja dividida não acomodava a vontade e nem a Palavra de Deus e que credos humanos, por mais corretos que fossem em sua substância, perpetuavam o sectarismo e as barreiras denominacionais quando se tornavam testes de comunhão [...] estes líderes chamaram o povo para o simples Evangelho de Jesus Cristo, para a autoridade das Escrituras, para o direito de julgamento privado em questões de opinião e a unidade de todos os crentes (Cristãos)»¹¹.

Estes foram os princípios que formaram a base doutrinal do Movimento de Restauração desde suas origens até o seu desenvolvimento: 1) A existência de Deus,

⁸ RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell*, Vol. 1, Philadelphia: J. B. Lippincott Company, 1868, p. 250. Disponível na internet: <https://archive.org/stream/memoirsofalexand00rich#page/n3/mode/2up> [Consultado a 10 de Outubro 2015].

⁹ GRAFTON, W. Thomas – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*, St. Louis: Christian Publishing, 1897, p. 78. Disponível na internet: <https://archive.org/stream/alexandercampbe00grafgoog#page/n8/mode/2up> [Consultado a 25 de Setembro de 2016].

¹⁰ Os fundadores do Movimento de Restauração buscaram os fundamentos essenciais que formaram a Igreja primitiva estabelecida por Jesus e os Apóstolos, tornando famosa uma frase usada pelo então ecumenista luterano Repertus Meldenius (1582-1651).

¹¹ FIFE, Jefferson Davis – *As Marcas das Igrejas de Cristo/Cristãs*, Material Apresentado na Atualização Teológica das Igrejas de Cristo no Brasil, 2005, p.1.

Eterno, Infinito, sem princípio nem fim; 2) A plena divindade de Jesus Cristo; 3) A divindade do Espírito Santo; 4) A revelação de Deus em três pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo, em igual essência e com funções diferentes; 5) A inspiração total da Bíblia, desde Génesis a Apocalipse; 6) A criação natural, animal e humana por parte de Deus em seis períodos de tempo, sendo cada acto criativo directo e independente; 7) A inocência original do ser humano; 8) A criança não vem ao mundo pecador, nem condenado, ainda que sua natureza possua capacidade de fazer o bem e o mal; 9) A condenação do homem que em seu estado natural tem desenvolvido as potências do pecado e permanece longe da Graça de Deus; 10) O desejo expresso de Deus é de que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da Verdade divina; 11) A encarnação de Jesus Cristo com fins redentores para fazer uma ponte de compreensão entre o céu e a terra; 12) A concepção imaculada de Jesus Cristo no ventre da virgem Maria, quem gerou por obra do Espírito Santo; 13) A vida perfeita de Jesus Cristo na terra, cuja existência se desenvolveu sem ter cometido um só pecado; 14) Os sofrimentos, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, tudo com o fim de redimir a raça humana; 15) O sacrifício de Jesus Cristo, com plena suficiência em si mesmo para a salvação do pecador; 16) O plano divino para a salvação do homem consiste na fé, no arrependimento, na confissão e no baptismo por imersão para a remissão dos pecados; 17) O governo congregacional da Igreja reside na independência hierárquica das congregações, governada pelo oficial eleito a nível local; 18) O culto a Deus durante o primeiro dia da semana, que consta de cânticos, orações, oferta, o partir dos alimentos comemorativos da última ceia celebrada por Jesus Cristo e exposição da Bíblia; 19) A segunda vinda de Jesus Cristo em glória, 20) A ressurreição e transformação de todos os mortos; 21) O arrebatamento da Igreja para receber ao Senhor nos ares; 22) A imortalidade da alma; 23) O grande juízo de Deus na eternidade; 24) Os estados eternos do céu e do inferno, da salvação e da condenação; 25) A unidade de todos os cristãos debaixo da única autoridade de Jesus Cristo e a restauração da Igreja em sua primitiva doutrina neotestamentária.

Em relação ao último ponto exposto, os fundadores do Movimento de Restauração, Thomas Campbell, Alexander Campbell e Barton W. Stone buscavam a unidade das denominações protestantes. Surgiram, entretanto, outros líderes deste Movimento como Walter Scott e John Smith. Walter Scott, segundo Richardson, foi o ajudante e colaborador mais próximo de Alexander Campbell, já John Smith ficou conhecido como o pregador dos reformadores. Em 1870, o Movimento já contava com meio milhão de membros nos Estados Unidos e sua influência na sociedade já era muito

forte, o que favoreceu a eleição de James A. Gardfield (1831-1881) como presidente daquele país.

O Movimento de Restauração defendia o batismo por imersão e a desvinculação total entre a Igreja e o Estado. Actualmente, este movimento compreende três grupos de Igrejas: Igrejas de Cristo (Cristãs), Igrejas de Cristo (a Capela) e a Igreja Cristã (Discípulos de Cristo).

1.1 Principais líderes do início do Movimento de Restauração

Os principais líderes deste Movimento de Restauração foram Thomas Campbell, Barton W. Stone e Alexander Campbell, sendo o último a se destacar rapidamente como o idealizador e motor principal desta restauração religiosa.

1.2 Thomas Campbell (1763-1851)

Foi o pioneiro, nascido na Irlanda do Norte, Thomas Campbell ficou seriamente doente após várias tentativas infrutíferas de reunir presbiterianos daquele país e, por conselho de seu médico, navegou para os Estados Unidos em meados de maio de 1807, (deixando sua família em Irlanda), foi recebido pelo Sínodo Presbiteriano de Filadélfia, onde apresentou as cartas credenciais que levava consigo da Irlanda. Imediatamente, concederam-lhe o pastorado de uma importante congregação na zona Este do Estado.

Thomas Campbell foi conhecido como o patriarca bondoso que era comprometido em eliminar as divisões entre os Cristãos. Mais um de seus dizeres era: «A Igreja de Cristo na terra é essencial, intencional e constitucionalmente uma só».

O Sínodo associado da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos havia emitido um documento em 1796 mediante o que proibia terminantemente compartilhar a ceia a membros de outras denominações. Thomas Campbell fez omissão deste documento e convidou a todos os presentes de outras denominações a participarem dos símbolos da Ceia do Senhor e pregou um vibrante sermão contra as divisões denominacionais e a favor da unidade da Igreja.

Em outubro de 1807, Thomas Campbell já havia sido acusado de se desviar da ortodoxia doutrinal da Igreja Presbiteriana, pois havia sido denunciado por buscar a unidade da Igreja. E, dois anos depois de sua chegada, em Maio de 1809, ficou oficialmente fora da Igreja Presbiteriana.

Naquele mesmo ano houve uma importante reunião com um grupo selecto de homens e mulheres. Nesta reunião havia um único desejo: restaurar a Igreja de Cristo de acordo com suas origens e trabalhar para conseguir a união de todos os cristãos em um só Corpo, governados por uma só Cabeça: Cristo. Esta reunião marcou um momento histórico, foi o início formal do Movimento de Restauração. Para Richardson, «o princípio de uma reforma que produziu importantes mudanças na sociedade religiosa de uma grande parte do mundo»¹².

Thomas Campbell, ao discursar naquela reunião falou do seu ministério religioso e do rompimento com a Igreja Presbiteriana, apresentando a sua determinação de dedicar o tempo e as energias a pregar o retorno dos cristãos aos ensinamentos puros e simples de Cristo, e concluiu com estas palavras: «Falamos onde a Bíblia fala e calamo-nos onde a Bíblia se cala, chamaremos as coisas bíblicas pelos seus nomes». Com respeito a estas palavras, Richardson comentava:

«A ocultação na Bíblia é tão divina como as suas revelações. Infinita sabedoria foi exigida tanto para determinar do que o homem deve ser ignorante quanto o que o homem deve saber. O silêncio da Bíblia é para ser reverenciado igualmente com os seus ensinamentos e quem se intrometer em coisas não reveladas e que não se vêem evidencia a vaidade de uma mente carnal, tanto quanto a má interpretação e corrupção das declarações expressas nas Escrituras»¹³.

Foi este pensamento que Thomas Campbell adoptou como parte de seus princípios, não era somente a revelação divina que deveria ser tomada como guia, o silêncio também, para não ocorrer adições e pluralidade nas opiniões humanas. Para a argumentação de Thomas Campbell, o silêncio das Escrituras tornou-se uma parte muito importante para a restauração da Igreja e devia ser igualmente respeitado como a seus ensinamentos. Pois este fora o principal erro do protestantismo, na tentativa de reformar a Igreja, substituíram o silêncio da Bíblia por opiniões humanas e teorias especulativas. E em outra ocasião, Thomas Campbell acrescentava: «Deus ama seus filhos mais do que nossos credos e o homem não foi feito para a Bíblia, mas a Bíblia para o homem»¹⁴.

No dia 17 de agosto de 1809 aconteceu outra importante reunião, a qual decidiu a constituição de uma organização chamada Associação Cristã de Washington (Pensilvânia), um grupo comprometido a reformar a Igreja baseando-se na autoridade da Bíblia. Naquele dia nomearam juntamente com Thomas Campbell uma equipa de vinte e

¹² RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell*, Vol. 1, p. 120.

¹³ Idem, p. 251.

¹⁴ Idem, p. 353.

uma pessoas para a redacção de um documento que apresentasse os princípios, propósitos e programa da Associação. Esse texto, finalizado no dia 7 de setembro do mesmo ano, com o título *Declaration and Address* (A Declaração e o Discurso), que anuncia os princípios do Movimento da Restauração, a prioridade da unidade Cristã e aponta os males da divisão da Igreja. Afirmando também que nada pode ser essencial à vida da Igreja a não ser tudo aquilo que a Bíblia faça essencial, considerava-se que todo o resto era uma questão de opinião em relação à qual deve ser exercida liberdade e tolerância.

Após a apresentação do documento, aprovado por unanimidade, foi então impresso e muito bem recebido, na época, por quase todos os círculos protestantes dos Estados Unidos. Para Grafton, a intenção de Thomas Campbell nunca foi de aumentar a confusão do mundo religioso fundando ou incentivando uma nova sociedade religiosa¹⁵. A Associação não era para ser considerada como uma Igreja. Foi apenas para ser uma organização de homens e mulheres trabalhando através das várias Igrejas a que pertenciam por uma união dos filhos de Deus.

Mas logo na primeira metade do século XIX, o Movimento de Restauração estava em andamento, e aparece sua primeira barreira. Viram que através da Associação Cristã de Washington não seria possível servir com fidelidade os seus propósitos, a não ser que seus membros estivessem integrados a uma igreja organizada segundo o modelo do Novo Testamento. A única alternativa era a organização de uma Igreja independente. Grafton escreveu que Thomas Campbell solicitou então a adesão no Sínodo Presbiteriano¹⁶ mas o seu pedido foi rejeitado e foi informado que os motivos mais importantes para tal rejeição era a sua atitude de indiferença para com o batismo infantil, a sua oposição a credos e às confissões e o encorajamento que ele tinha dado a seu filho para pregar o Evangelho sem qualquer autoridade regular. Estes foram os motivos da rejeição e não qualquer irregularidade de vida ou conduta de sua parte.

Então, no dia 4 de maio de 1811, em uma reunião da Associação, tomaram a decisão de constituírem formalmente uma Igreja seguindo a forma de governo congregacional, tendo a Bíblia como a única autoridade com base na fé e no companheirismo. Thomas Campbell faz sua famosa declaração: «Falamos onde a Bíblia

¹⁵ GRAFTON, Thomas W. – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*, p. 76.

¹⁶ *Idem*, p. 77.

fala e calamo-nos onde a Bíblia se cala»¹⁷. A intenção era que a nova Igreja fosse como uma luz chamando a atenção do mundo para a oração do Mestre que «todos sejam um».

Outras questões estavam por definir, como o plano de salvação, a forma e o significado do baptismo e muitas outras perguntas que estavam dividindo o mundo religioso ainda não tinham reivindicado a sua atenção séria. Mas como explica Grafton, o fermento tinha sido lançado¹⁸ e com o tempo iriam trabalhar para a plenitude do propósito do Mestre. Apesar de seu filho Alexander logo ter assumido a liderança deste grupo, foi Thomas quem inicialmente dirigiu o Movimento de Restauração.

Thomas Campbell, especialmente, enfrentava grande dificuldade, não só das escolhas decorrentes de sua educação, mas o facto de ter sido por cerca de 25 anos um ministro pedo-baptista, mas o seu grande desejo e esforços para garantir a unidade cristã estavam em risco, o que poderia contribuir para mais uma separação entre os cristãos, algo pelo que tanto lutou para ter fim.

Richardson comenta que, de facto, no início, Thomas Campbell não tinha ideia do que seria realmente tomar a Bíblia por si só e abandonar o baptismo infantil mas a sua convicção e o desejo de agradar mais a Deus do que os homens trouxeram-lhe uma crescente certeza de seguir em frente¹⁹.

1.3 Barton Warren Stone (1772-1844)

Conhecido como o Unificador, nascido em Maryland, Stone cresceu no Sul da Virginia. Mesmo tendo sido criado num lar anglicano durante a sua mocidade passou por um período de incredulidade mas converteu-se ao cristianismo enquanto frequentava a faculdade, passando a ter o desejo de se tornar um pastor presbiteriano. Mudando-se para Kentucky em 1796, começou a pastorear duas pequenas Igrejas, Concord e Cane Ridge.

Stone, juntamente com outros, tentou formar uma nova Convenção Prebiteriana mas dissolveram-na escrevendo o *The Last Will and Testament of the Springfield Presbytery* (A Última Vontade e o Testamento do Presbitério de Springfield), assinado no dia 28 de junho de 1804. Neste documento, enfatizaram os seus compromissos à unidade dos cristãos, à autoridade da Bíblia e à autonomia da congregação local. Foi nesta ocasião

¹⁷ GRAFTON, W. Thomas – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*, p. 79.

¹⁸ Idem, p. 81.

¹⁹ RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell Vol. 1*, p. 399.

que Stone expressou um dos lemas que acompanha as Igrejas de Cristo até hoje: «Não somos os únicos Cristãos, mas unicamente Cristãos».

Stone tornou-se o líder do Movimento no vale de Ohio. Mesmo no início, onde havia ótimas relações com a Conexão Cristã da Nova Inglaterra/Nova York, sua preferência era a de unir-se com os membros do Movimento Campbell. Em particular Stone é lembrado pelo seu compromisso pela unidade dos Cristãos e a sua convicção de que a Bíblia era o único guia para a Igreja. Alguns de seus dizeres são: «Que a unidade dos Cristãos seja nossa estrela polar» e «Que cada Cristão inicie dentro de si mesmo o trabalho de unidade».

Mesmo, durante muitos anos, pertencendo à Igreja Presbiteriana, Thomas e Alexander Campbell não conheciam Barton W. Stone pessoalmente. Mas todos haviam rompido com a mesma denominação por questão de consciência, pois perseguiram a volta do cristianismo a suas origens primitivas.

O encontro entre eles aconteceu na primavera de 1824, em Georgetown, Kentucky, e ali viram que estavam buscando algo semelhante com objectivos e princípios idênticos. Mas somente no dia 24 de Dezembro de 1831 em Lexington, Kentucky, onde se reuniram os principais líderes das Igrejas estabelecidas por Barton W. Stone conhecidas como Cristãos com os principais líderes das Igrejas estabelecidas pelos Campbell, conhecidas como Baptistas Reformadas. E decidiram unir-se e prosseguir juntos, somando o total de aproximadamente quinze mil membros.

Ambos tinham vislumbrado a união a fim dos cristãos se aproximarem para trabalhar e adorar apesar das diferenças. Stone usou o nome de “cristão”, enquanto os Campbell’s preferiam “discípulos de Cristo”. Mas os dois estavam comprometidos com a oração de Cristo (*João*, 17.21) para que todos pudessem ser um para que o mundo pudesse crer.

1.4 - Alexander Campbell (1788-1866)

Nascido na Irlanda do Norte, Alexander Campbell, com a intenção de juntar-se ao seu pai Thomas Campbell. E juntamente com sua mãe e irmãos, partiu para a América, em outubro de 1808, mas nessa viagem o navio enfrentou uma grande tempestade e encalhou ao largo da Escócia. Conta Richardson que, no meio dessa tempestade, sem nenhuma perspectiva de qualquer ajuda humana, foi naquele momento que Alexander Campbell, após uma profunda reflexão sobre a sua vida, passa a considerar o mundo como inútil, apercebendo-se que os verdadeiros objectos de desejo humano e os verdadeiros

efeitos da criação do homem em toda a sua excelência e glória o orientavam para uma existência dedicada a Deus e à salvação de seus semelhantes²⁰. Pensou na vida nobre de seu pai e sentiu que tal vocação, consagrada à elevação e felicidade eterna da humanidade, era de facto o maior e mais digno trabalho em que qualquer ser humano se poderia envolver. Foi então, nessa hora solene, que ele se entregou inteiramente a Deus, dedicando toda a sua vida ao ministério do evangelho.

Após o naufrágio, a família decide manter-se na Escócia e fazer outra tentativa de alcançar a América no ano seguinte. O atraso em imigrar para os Estados Unidos acabou por ser uma mais-valia para o percurso de Alexander Campbell, uma vez que durante esse tempo, por um ano, foi frequentar a Universidade de Glasgow na Escócia. Esta foi a mesma escola onde o seu pai tinha sido educado e, durante a controvérsia de Thomas Campbell com os presbiterianos estadunidenses, o seu filho Alexander Campbell estudava nessa universidade, estudando grego, francês, lógica, filosofia, ética, história natural e teologia. Alexander Campbell teve então um encontro com o pensamento filosófico de Reid da escola escocesa do senso comum, bem como de John Locke e de Francis Bacon²¹ e pôde também contactar com o movimento de reforma liderado pelos irmãos Robert (1764-1842) e James Haldane (1768-1851), experiência acerca da qual Richardson comenta: «um movimento a partir do qual o Alexander Campbell recebeu seu primeiro impulso como um reformador religioso»²², o que levou a passar por um período de questionamento e auto-exame a respeito de sua própria fidelidade à denominação a qual pertencia. Mas, como comenta Garrison:

«Na verdade, o Sr. Campbell era um homem singularmente livre de preconceitos e de dependência servil dos mestres. Ele estava comprometido com nenhum sistema fixo. Ele foi, portanto, livre para assumir qualquer ideia de alguém que lhe pareceu verdadeira e útil. As conclusões de pensamentos anteriores vieram a ele não como autoridades, mas como sugestões».²³

Em 1809, imigrou para a América e juntou-se na promoção do Movimento iniciado pelo seu pai, Thomas Campbell. No dia 17 de agosto de 1809 quando, pela segunda vez, aqueles que foram mantidos juntos com o desejo da unidade cristã,

²⁰ RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell*, Vol. 1, p. 102.

²¹ GARRETT, Leroy – *The Stone-Campbell Movement*, pp 24-60; TRISTANO Richard, *The Origins of the Restoration Movement: An Intellectual History*, Atlanta: Glenmary Research Center, 1988, pp 14-30.

²² RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell*, Vol. 1, p. 176.

²³ GARRISON, Winfred Ernest – *Alexander Campbell's Theology, its sources and historical setting*, St. Louis: Christian Publishing Company, 1900, p. 155. Disponível na internet: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nnc2.ark:/13960/t19k4g654;view=1up;seq=1> [Consultado a 20 de Setembro de 2016].

comprometidos em reformar a Igreja baseando-se na autoridade da Bíblia e sob a influência pessoal do carácter de Thomas Campbell, voltaram a reunir-se e decidiram a constituição de uma organização chamada Associação Cristã de Washington (Pensilvânia). Ficou decidido naquela reunião fazerem a redacção de um documento que apresentasse os princípios, propósitos e programa da Associação. Este documento foi finalizado no dia 7 de setembro do mesmo ano, como já foi anteriormente referido, com o título “*Declaration and Address*” (*A Declaração e o Discurso*), documento este que persiste como o enunciado dos princípios do Movimento da Restauração.

Após o término deste documento, Thomas Campbell faz então a apresentação do mesmo, sobre o qual Richardson descreve que um sentimento profundo de solenidade invadiu a reunião. Quando Thomas Campbell deu abertura na sua habitual maneira, e em fervorosa oração, especialmente invocando a orientação divina, passou a apresentar os múltiplos males resultantes das divisões na sociedade religiosa que eram desnecessárias e como eram prejudiciais²⁴.

Fazendo a apresentação dos pontos de vista presentes em *A Declaração e o Discurso*, relata Richardson, Alexander Campbell e seu pai consideravam em primeiro lugar como principal objecto da reforma proposta, o abandono de todo sistema humano e a adopção das palavras bíblicas no seu original, como a verdadeira base da união; também consideraram cada igreja como uma organização autónoma, que tem seu próprio governo interno por presbíteros e diáconos, mas não independente de outras igrejas sem vínculos a elas por relações fraternas; negaram a distinção entre clérigos e leigos no que diz respeito a pregação do evangelho e olharam para o baptismo infantil, pois mesmo sem uma autoridade bíblica directa, estavam dispostos a deixá-lo como uma questão da consciência e permitir a continuação da prática no caso daqueles que de forma consciente o aprovasse, como o Apóstolo Paulo permitia a circuncisão por um tempo em deferência a preconceitos judaicos²⁵.

Muito impressionado com a importância dos princípios apresentados e estabelecidos, Alexander Campbell questiona se esses princípios os fariam desistir do baptismo infantil e algumas outras práticas, o que o levou a estudar mais sobre o assunto. Examinou várias autoridades pedo-baptistas, na esperança de ser capaz de justificar suas preferências, que ainda estavam em favor da prática, segundo Richardson, não

²⁴ RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell*, Vol. 1, p. 234.

²⁵ Idem, p. 348.

conformando com os pressupostos e raciocínios dos escritores pedo-baptistas, deixou-os de lado e passou a buscar algo mais convincente em seu Novo Testamento grego²⁶.

Alexander Campbell viu-se obrigado a ter uma nova conversa com o seu pai sobre o baptismo infantil ao ler a terceira proposição no documento *A Declaração e o Discurso*.

«Que, para isso, nada deve se tornar como requisito para os cristãos como artigos de fé; nem exigido deles como termos de comunhão; mas o que é expressamente ensinado e ordenado aos cristãos, na palavra de Deus. Nem deve qualquer coisa ser admitido, como de obrigação divina, na constituição da Igreja e seus governos, mas o que é expressamente ordenado pela autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo e seus Apóstolos sobre a Igreja do Novo Testamento; ou em termos expressos, ou precedente aprovado».²⁷

Passando a perguntar em qual passagem ou parte das Escrituras poderíamos encontrar um preceito ou um precedente expresso para o baptismo ou aspersão de crianças em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo? Sua resposta em substância foi admitir que não havia nenhum precedente ou expressões que autorizassem tal prática, reconhecendo que mesmo que se encontrasse carência nas evidências bíblicas para o baptismo infantil, isso “Era apenas inferencial.” Richardson comenta que:

«Alexander, em respeito ao ponto de vista do seu pai, rejeitou o assunto por um tempo, mostrando-se aparentemente satisfeito com o falacioso raciocínio imposto pelas circunstâncias, o que impediu o pai de ver, a verdadeira posição do qual o baptismo ocupa na economia cristã, e logo, de fazer em relação ao baptismo, uma prática aplicação de seus próprios princípios. Estes princípios, de facto, como previsto e argumentados na “Declaração e Discurso”, então sob consideração, foram mais dignos de atenção».²⁸

O objectivo de Alexander Campbell não era o de reparar os defeitos no cristianismo moderno, mas sim de restaurar o que considerava ser original e puro, tanto na letra como no espírito, no princípio como na prática, e adoptar, de uma só vez, o fundamento original sobre a qual assentava a Igreja primitiva e isso, somente, sustentado pela Bíblia.

²⁶ RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell*, Vol. 1, p. 251.

²⁷ THOMAS, Campbell – *Declaration and address of the Christian association of Washington*, Record Publishing Company Coraopolis PA, p. 16. Disponível na internet: <https://archive.org/stream/declarationaddre00campiala#page/16/mode/2up> [Consultado a 10 de Janeiro de 2016].

²⁸ RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell Vol. 1*, p. 252.

Em 4 de Maio de 1811, Thomas Campbell foi nomeado Ancião e ao seu filho Alexander Campbell, com 23 anos, foi concedida a licença para pregar. A nova Igreja na sua primeira reunião, que ocorreu a um Domingo, decidiu como prática a participação na Ceia do Senhor todos os Domingos, pois entenderam ser esta prática própria da Igreja Primitiva. Contudo, desde o início, muitos acreditavam não ser dignos de participar na Ceia do Senhor por não terem passado pelo batismo por imersão. Por isso, aquando da celebração no primeiro dia, esses seguidores da nova comunidade foram levados para uma piscina em Buffalo Creek e foi-lhes administrado o batismo por imersão. Para Thomas Campbell, até então o líder deste Movimento, considerou muito significativo esse evento, passando esta prática a ser uma das características distintivas que permitia identificar o Movimento de Restauração.

Foi o nascimento da primeira filha de Alexander Campbell em 1812 que motivou o estudo sobre o tema do batismo, permitindo-lhe adquirir uma visão mais clara sobre o assunto. Thomas Campbell havia batizado por imersão algumas pessoas mas seguia defendendo o batismo infantil e recusava (re)batizar aqueles que se consideravam já membros da Igreja. Por seu lado, segundo Monroy, Alexander Campbell reuniu quantos livros pôde sobre o batismo infantil, considerando as várias posições contrárias ou favoráveis. Ao estudar a palavra grega que se traduziu por “batismo”, logo se deu por satisfeito de que não poderia ter outro significado a não ser “imersão”.

Chegando às seguintes conclusões: primeiro, somente os crentes arrependidos eram candidatos idóneos para o batismo; segundo, o único batismo praticado no Novo Testamento foi o de imersão, logo concluiu que o batismo infantil, não podia ser considerado como batismo, pois não era por imersão e a criança era incapacitada para o batismo. Isto respondeu à pergunta relacionada com o batismo de sua filha, e também sobre o tema do rebatismo. Pois batizar uma pessoa que havia sido batizada quando criança, não era rebatismo, porque na realidade ela não havia sido batizada. E, em terceiro, determinou que o único requisito para o batismo fosse uma simples confissão

de fé em Jesus Cristo como Filho de Deus, e que não havia nenhuma ligação entre a circuncisão²⁹ e o batismo,

«Os homens eram os únicos sujeitos à circuncisão; mas os homens e as mulheres são sujeitos ao batismo cristão. “Cada criança do sexo masculino entre vós será circuncidado.” Os Apóstolos “baptizavam homens e mulheres.» As qualificações para a circuncisão eram carne e propriedade. A fé nunca foi proposta, em qualquer caso, a um judeu, ou os seus servos, como uma qualificação para a circuncisão”».³⁰

Com a aceitação do batismo por imersão por parte dos líderes do Movimento de Restauração, houve uma aproximação com as Igrejas Baptistas, passando a serem convidados a pregarem em suas reuniões. Para Grafton, pode ser atribuído a Alexander Campbell um lugar na história cristã, sendo considerado por muitos “admiradores”³¹, como um dos maiores mestres religiosos do século XIX, tendo um lugar visível entre os fabricantes do pensamento moderno cristão, ao desempenhar um papel proeminente durante o Segundo Grande Despertar, chamando os cristãos à restauração, abandonando os credos, confissões, instruções humanas, para então retornarem aos ensinamentos “primitivos” dos Apóstolos.

Alexander Campbell ganhou destaque através de vários debates amplamente divulgados, e de suas pregações em vários lugares nos Estados Unidos, e também como editor da revista mensal *Christain Baptist (Baptista Cristão, 1823-1830)* que depois passou a chamar-se *Millenial Harbinger (Arauto do Milênio, 1830-1870)*. No Movimento de Restauração existia uma rejeição a uma organização hierárquica, não havendo líderes estabelecidos acima do nível da congregação local; no entanto, foi o Alexander Campbell a figura mais influente durante o período de formação deste Movimento. Este foi um dos grupos com mais crescimento nos Estados Unidos do século XIX, de 30.000 aderentes em 1830, passaram a mais de 200.000 em 1860.

²⁹ A origem do argumento de que o batismo infantil era a contraparte e cumprimento da circuncisão infantil masculina foi introduzido pela primeira vez por Huldreich Zwingli e Heinrich Bullinger em suas disputas com os Anabatistas, enquanto eles buscavam defender a aspersão infantil e o conceito de filhos da aliança contra o claro ensino nas Escrituras do Batismo do crente por imersão, por meio de “argumentar a partir do Pacto”. Citado por DOWNING, William R. – *Batismo Cristão, por John Gill, John Piper & C. H. Spurgeon*, 2015, p.07. Disponível na internet:

<http://oestandardedecristo.com/ebook/detalhe.php?id=235> [Consultado a 20 de Março de 2016].

³⁰CAMPBELL, Alexander – *Christian Baptism: With Its Antecedents And Consequents*, Bethany, Printed and Published by Alexander Campbell, 1851, pp 242,243. Disponível na internet:

<https://archive.org/stream/christianbaptism01camp#page/n5/mode/2up> [Consultado a 20 de Abril de 2016].

³¹ GRAFTON, W. Thomas – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*, p. 10.

Alexander Campbell estava convencido, tanto por suas próprias observações e as experiências de seu pai na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, que o maior obstáculo para o progresso e sucesso da Igreja era a falta de unidade. Segundo Grafton³², Alexander Campbell considerava que o poder que deveria ter sido empregado no combate do pecado e trazido, em maior medida, o Reino de Deus, fora desperdiçado em conflitos sectários. Assim, para ele, dever-se-ia procurar um retorno às normas apostólicas de pensamento, de expressão e de conduta. Esta perspectiva constituía um apelo ao seguimento de Cristo e dos padrões apostólicos de ensino e conduta. Acreditava que os cristãos poderiam unir-se no serviço comum do Senhor. Esta identificação com os princípios essenciais para a comunhão com o Salvador era considerada base suficiente como vínculo de união entre os cristãos.

Para Alexander Campbell, esta união somente poderia ser restaurada através de um ensino apostólico por meio de um conhecimento maior do Novo Testamento por parte de todos que iriam cooperar para “curar as divisões da Igreja”. Este posicionamento permite compreender o facto de Alexander Campbell ter dado mais atenção ao tema do cristianismo apostólico e seu restabelecimento, como explica Grafton³³.

Em 1835, Alexander Campbell reuniu muitos de seus escritos num só livro, *O Sistema Cristão*, que viu uma segunda edição quatro anos depois, onde dedicou mais de um terço do livro para uma exposição de suas crenças a respeito do baptismo e remissão de pecados. Garrison comenta sobre Alexander Campbell: «Não era uma voz que clamava no deserto e sem conexão com a sua geração, excepto para receber de sua degeneração e impulso para a restauração».³⁴ Em 1851, publicou *Baptismo Cristão*, no qual reiterou grande parte do seu pensamento expresso no seu livro anterior. No livro *Baptismo Cristão* podemos encontrar uma apresentação madura de Alexander Campbell e as suas crenças. É justo que ele deve servir como um recurso primário para a consideração de suas crenças e as crenças daqueles que olham para ele como um patriarca para a restauração da vida cristã.

³² GRAFTON, W. Thomas – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*, p 11.

³³ Idem.

³⁴ GARRISON, Winfred Ernest – *Alexander Campbell's Theology, Its Sources and Historical Setting*, p. 14.

1.5 – Alexander Campbell: impulsionador do Movimento de Restauração

As posições do pai e do filho alteraram-se, pois Thomas Campbell passou a liderança do Movimento de Restauração ao seu filho Alexander Campbell, passando a ter os olhos de todos voltados para actuação deste, o que levou a afirmar Grafton sobre o seu carácter: «[...] forte, firme, agressivo, reconhecido como líder da Reforma, intensamente odiado por seus inimigos, ardentemente admirado e amado por seus amigos»³⁵.

Os objectivos de Alexander Campbell e os de seu pai eram superar o sectarismo com a unidade e a restauração da Igreja ao que se considerava ser a sua experiência primitiva. Entretanto, naquela pequena comunidade de reformadores, pelo menos no plano externo, uma grande mudança havia sido efectuada através dos estudos feitos por Alexander Campbell a respeito do baptismo. Grafton explica que após um estudo cuidadoso de todo o assunto, Alexander Campbell chega à conclusão de que não só o baptismo infantil não era bíblico³⁶ mas também a sua administração por aspersão, e que ele não era uma pessoa baptizada³⁷. Sua esposa concordando com esta conclusão, ambos resolveram obedecer ao ensinamento de Cristo, à luz da sua Palavra. Sem demora, ele pediu para Matthias Luce, um ministro baptista de seu conhecimento, para os baptizar no mesmo local, a piscina em Buffalo Creek, onde Thomas Campbell já havia consentido, dias antes, no baptismo por imersão de três membros da Associação.

Richardson comenta que Alexander Campbell, passou a admitir que o baptismo infantil não era bíblico³⁸, e que os que assim foram baptizados, na realidade não eram baptizados. Alexander Campbell considerava ser o baptismo infantil uma ditadura da pior espécie, de impor à consciência, o impor uma religião sobre o recém-nascido antes que seja consciente e de que terá que cumprir aquilo que foi prometido por ele antes de ter consciência. Isso é acorrentar o exercício da razão. Passando a ser rejeitado como uma invenção humana³⁹, a simples confissão de Cristo, feita pelos primeiros convertidos a

³⁵ GRAFTON, W. Thomas – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*, p. 89.

³⁶ *Idem*, p. 87.

³⁷ No seu livro, *Christian Baptism: With its Antecedents and Consequents*, Alexander Campbell cita: Lutero: «O baptismo é nada mais do que a palavra de Deus com imersão em água.» Calvino: “A palavra baptizo significa também mergulhar, e é certo que a imersão foi a prática da Igreja antiga”. *Instit.* b. 4, s. 15. Agostinho: “A palavra baptismo, de acordo com a etimologia e uso, significa imergir, submergir [...]”, p. 145.

³⁸ RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell, Vol. 1*, p. 394.

³⁹ Sobre esse assunto Alexander Campbell comenta: «Tão logo que decidiram a natureza e a extensão do pecado original, o baptismo para a remissão dos pecados foi dado a crianças por causa da necessidade de regeneração e perdão para a salvação. Desta forma, não há nenhuma dúvida razoável, que o baptismo infantil começou; e por conveniência, ele foi substituído por aspersão infantil». CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 234.

Cristo, foi reconhecida como o único requisito que poderia ser bíblicamente exigido daqueles que almejassem tornar-se membros da Igreja. Milligan, comenta que «temos todos os motivos para não derivar o batismo infantil das instituições apostólicas. Parece, portanto, que o batismo infantil teve sua origem numa visão falsa e errada do modo instituído pelos Apóstolos»⁴⁰.

Despertando assim uma tempestade de oposição a partir das fileiras pedo-baptistas, e seus membros foram sujeitos a uma perseguição; e, agora no meio de permanentes hostilidades, a luta pela unidade passou a estar em causa. Esta situação confrontou a Alexander Campbell e seus seguidores, deixando de serem aceites pelos pedo-baptistas, garantido a sua aceitação com os baptistas, convidando-os a tornarem-se membros da Associação Redstone, que abrangia todas as Igrejas baptistas daquela região. O assunto foi colocado antes aos membros da Igreja em Brush Run no Outono de 1813 e fez com que se unisse aos Baptistas em 1815. Neste sentido, Grafton comenta que:

«Alexander Campbell nunca teve o propósito de se tornar fundador de outra sociedade religiosa, e essa negação ele agora repetia com ênfase. “Eu não tenho nenhuma ideia de acrescentar ao catálogo de novas igrejas”, escreveu ele no *Christian Baptist* de 1826. “Eu trabalho para ver o sectarismo abolido e todos os cristãos de todos os nomes, unidos sobre o alicerce em que a Igreja Apostólica foi fundada. Para trazer baptistas e pedo-baptistas para a unidade é o meu fim supremo”»⁴¹.

Alexander Campbell publicou uma série de artigos intitulados *A Restauração da Ordem Antiga das Coisas* detalhando o que ele viu como crenças e práticas das igrejas apostólicas nos primeiros séculos cristãos: O batismo de crentes por imersão, a Ceia do Senhor semanalmente, o auto-governo congregacional e a adoração “simples” com cântico congregacional não acompanhado e sem liturgia formal.

Algumas Igrejas Baptistas não estavam de acordo com os princípios ensinados por Alexander Campbell e o Movimento de Restauração, o que levou treze Igrejas a sair da Associação Redstone e formar uma nova associação, declarando no segundo artigo de sua constituição, “Recebemos as Escrituras como a única regra de fé e prática a todas as Igrejas de Cristo”. Assim começou o conflito que resultou na separação completa das Igrejas Baptistas e aqueles que aceitaram os princípios da restauração. Um dos pontos de atrito era o ensino do batismo para a remissão dos pecados e fez com que Alexander

⁴⁰ Milligan, Robert - *Exposition and defense of the scheme of redemption as it is revealed and taught in the holy scriptures*, Nashville, Tennessee: Gospel advocate Company, 1972, pp 409; 412.

⁴¹ GRAFTON, W. Thomas – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*, p. 118.

Campbell e os seguidores do Movimento de Restauração deixassem os Baptistas em 1830.

Grafton comenta ainda que, para Alexander Campbell, a Igreja era como uma associação divinamente autorizada de crentes. E era assim definido:

«A Igreja é uma sociedade de discípulos que professam acreditar em uma grande verdade, a messianidade de Jesus, voluntariamente submeter à sua autoridade e orientação, e através do batismo expressar sua fé nele e sua lealdade a ele, e reunidos em um só lugar para caminhar em todos os seus mandamentos e preceitos. Esta sociedade, com o seu presbítero ou presbíteros e seu diácono ou diáconos, conforme o caso exigir é perfeitamente independente de qualquer tribunal na terra chamado eclesiástico»⁴².

O que para ele, a sua missão era vigiar e promover, daí em diante, o desenvolvimento de uma sociedade não como um líder autoritário, mas como defensor e amigável conselheiro. Alexander Campbell passa a ser reconhecido como líder do Movimento e os seus seguidores passaram a ser chamados de campbellitas. Não aceitando ser o fundador de uma denominação religiosa, ressentiu a tentativa de prender o seu nome a uma irmandade específica e em crescimento, apesar de compartilhar as suas convicções. Era um caminho sem volta, passando então à procura de um nome que os identificasse. O seu desejo pretendia que este nome, para além de ser bíblico, fosse abrangente o suficiente para incluir todos “os que amavam o Senhor”. Este objectivo levou a que se utilizassem localmente as seguintes designações: “Discípulos de Cristo”, “Cristãos”, “Igrejas de Cristo”.

Alexander Campbell acreditava que a Igreja não deveria ter um credo escrito a não ser o da Bíblia. Para ele, os credos criavam divisões. Ele buscava a unidade através dos elementos essenciais da fé cristã, tendo afirmado este propósito: «Eu acredito que se deixássemos de lado os credos e as tradições, encontraríamos uma simples e suficiente regra de fé no Novo Testamento».⁴³ Seguindo este pensamento, surgiram então várias congregações sem um credo escrito. A este respeito Alexander Campbell comentava:

«[...] a Bíblia é a única perfeita e infalível regra de fé e moral; não só admite que estes símbolos chamados credos são imperfeitos e falíveis, mas, também, que estes credos nunca podem alcançar o que a Bíblia, sem eles, pode realizar. [...] Nenhum credo humano na cristandade protestante pode ser encontrado que não tenha feito uma divisão para cada geração de sua existência».⁴⁴

⁴² GRAFTON, W. Thomas – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*, p. 134.

⁴³ *Idem*, p. 138.

⁴⁴ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 112 e 113.

Grafton, comentando sobre as denominações existentes, diz que, para Alexander Campbell, apesar das diferenças de pensamentos, encontrava mais pontos de concordância do que de discordância pois o essencial era a crença na inspiração da Bíblia e a sua auto-suficiência, a excelência Divina de Jesus como Filho de Deus, a missão pessoal e perpétua do Santo Espírito, a pecaminosidade da raça e a sua necessidade de regeneração⁴⁵, a necessidade da fé e do arrependimento, uma vida de obediência, a continuidade do baptismo e da Ceia do Senhor, a obrigação de observar o dia do Senhor, o reconhecimento da Igreja de Cristo como uma instituição divina, a plenitude e certeza da salvação, etc.

Na formação das novas igrejas havia alguns pontos em comum, como o facto de serem congregacionais e não haver um credo específico, de ter uma linha em comum. Para estarem ligadas, teriam que ser organizadas de forma a se comprometerem com a causa da unidade cristã, que constituía a base do Movimento de Restauração. Alexander Campbell acreditava e ensinava a cada nova igreja, sob a autoridade da Bíblia, que era pecado as divisões entre os filhos de Deus, que o denominacionalismo era uma das maiores barreiras para a vitória da verdade. Para os candidatos serem admitidos ao baptismo e a membros da Igreja teriam que seguir a confissão do Apóstolo Pedro, afirmando com estas palavras: «creio que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo».

Estas Igrejas buscavam adoptar, segundo entendiam, os costumes e práticas da Igreja primitiva, acreditando que seria a única base possível sobre a qual os seguidores de Cristo poderiam encontrar-se unidos.

1.6 Revista mensal e debates públicos

Como editor da revista mensal *Christian Baptist (Baptista Cristão)* que tinha como missão despertar as pessoas para os males do sectarismo que, segundo Alexander Campbell, era consequência da tradição eclesiástica. Mas com a sua separação dos baptistas, Alexander Campbell sentiu o dever de mudar o carácter da sua instrução e determinou iniciar uma nova revista mensal, maior em tamanho, diferente na sua índole, mais suave no tom, que veio a chamar-se *Millenial Harbinger (Arauto do Milénio)*.

⁴⁵ Alexander Campbell também apresenta a palavra *regeneração*, sendo utilizada no sentido de um novo estado de coisas, ou da introdução de um novo estado de coisas, neste caso não de um individuo, mas de uma comunidade. CAMPBELL, Alexander - *The Christian System*, p. 284.

Campbell atacava as tradições da maioria das denominações e tentava restaurar constantemente “a ordem das coisas antigas”, os padrões da Igreja do Novo Testamento.

Alexander Campbell tornou-se muito conhecido pelas suas publicações mas também havia os debates públicos, sendo que um deles, para Grafton, foi considerado uma das maiores batalhas intelectuais da história religiosa⁴⁶. Durou dezoito dias, começando a 15 de novembro de 1843 e foi com o Sr. Rice.

Em 1866, ano do falecimento de Alexander Campbell, o Movimento que liderou tinha *status* e alcance nacional, o que, na perspectiva de Grafton fazia de Alexander Campbell, sem dúvida nenhuma, um dos mais dinâmicos e significativos líderes religiosos do século XIX. Alguns de seus lemas foram: «Escola e Igrejas andam de mãos dadas pelo progresso da civilização Cristã» e «O Espírito e a alma de todas as reformas é o debate livre».

Com o estudo do próximo capítulo, sobre a origem do baptismo cristão, poderemos ver porque este tema se tornou tão importante para Alexander Campbell, onde em seu pensamento, a Igreja somente poderia ser restaurada por meio de um conhecimento maior do Novo Testamento. E foi este estudo do ensino apostólico que levou Alexander Campbell a ensinar o baptismo cristão segundo a perspectiva da Igreja Primitiva. Esta questão do baptismo cristão tornou-se o ponto central para Alexander Campbell, que defendeu um baptismo para remissão dos pecados que muda e transforma o indivíduo e a sociedade na qual está inserido.

⁴⁶ GRAFTON, W. Thomas – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*, p. 161.

Capítulo II

O baptismo cristão como herança

A história relata que o cristianismo tem as suas raízes no judaísmo e, consequentemente, trouxe dele muitos dos seus ritos e práticas, sendo o baptismo um deles, que originalmente faziam parte do costume judaico, embora de diversas formas, com expressões e significados diferentes. Nas religiões da antiguidade, havia entre os gregos, egípcios, persas e outros povos a prática de abluções, mas não encontramos provas de que estas práticas tenham influência directa sobre o baptismo cristão.

Na tradição escriturista, o baptismo cristão teve o seu início com João Baptista que talvez tenha sido influenciado pelos essénios que viviam no mosteiro de Qumran. Mas, para Ladd, não fica claro que houvesse um baptismo de iniciação na comunidade de Qumran⁴⁷, pois os convertidos não praticavam nenhum rito iniciatório imediato. O convertido teria que passar um ano fora da comunidade, em observação. Somente depois é que ele deveria passar pelo banho de purificação e, após ser testado por dois anos, é que poderia então entrar na comunidade. Era uma forma de demonstrar que realmente estava convertido, era pelas boas obras que demonstrava a sua conversão e não especificamente através do baptismo enquanto ritualidade.

Os essénios faziam grande uso de purificações, entre os quais havia uma lustração baptismal (um auto-baptismo), banhos por imersão e de intuito expiatório, repetidos diariamente, para que pudessem ter a certeza da santidade, através da pureza cerimonial. Segundo Ladd⁴⁸, foi encontrado também, no meio dos sete pergaminhos da gruta I em Qumran, outro manuscrito com a “Regra da Comunidade”. Neste, o baptismo era algo que precedia o arrependimento e estava ligado de forma directa ao perdão dos pecados.

Isso leva a pensar que João Baptista terá feito algumas adaptações com respeito aos banhos diários dos essénios, como também do baptismo judaico dos prosélitos ou dos gentios no baptismo de João. Os baptizados eram conhecidos como os “tementes a Deus”⁴⁹. O baptismo dos prosélitos já era uma prática conhecida no período do início do Novo Testamento, ele é discutido no Mishnah pelas escolas de Hilel e Shammai. Estes

⁴⁷ LADD, George Eldon – *Teologia do Novo Testamento*, Hagnos, 2003, p. 60.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Este termo é encontrado duas vezes em Actos dos Apóstolos. Cf. *Actos dos Apóstolos*, 10.22; 13.16, em *A Bíblia para Todos*.

gentios acreditavam em Deus mas não lhes era permitido participar dos cultos. Para poderem participar dos cultos, era necessário tornarem-se judeus pela obediência à Lei, da circuncisão e de um baptismo ritual (Tevilá) que deveria ser feito em águas vivas, ou seja, em águas correntes. Era uma cerimónia que permitia a entrada de um gentio no judaísmo. Era preciso que o mesmo aceitasse as condições da Lei; que fosse circuncidado, caso fosse homem; e mais tarde, fosse baptizado na presença de testemunhas, apresentando uma oferta de sacrifício.

«O procedimento inteiro era um meio de entrar na nova religião; mas o “ponto de nenhum retorno” chegava no momento em que o prosélito emergia das águas. A partir de então, era considerado um filho recém-nascido da família de Abraão. “Depois de ter sido baptizado, é considerado um israelita, em todos os aspectos, comentavam os Rabinos”. Uma nova vida o aguardava»⁵⁰.

Para Martin⁵¹, tanto o baptismo dos essénios como o baptismo dos prosélitos são de igual importância para nos ajudar na compreensão da formação do pensamento e da actuação de João Baptista em relação ao baptismo. Nos dois contextos, praticava-se a imersão total na água. E, também para Ladd, encontramos, nos ensinamentos dos essénios e de João Baptista, um baptismo que precedia o arrependimento e estava ligado de forma directa ao perdão dos pecados⁵².

No baptismo de João e no baptismo dos prosélitos, além da imersão total em água, era também um rito de iniciação a uma nova comunidade rompendo totalmente com sua antiga vida para consagrar-se a uma nova vida e, por fim, tal ritualidade realizava-se uma vez por todas. Um ponto importantíssimo é que no grupo sectário dos essénios não entravam gentios como também fica claro que o baptismo judaico dos prosélitos era direccionado somente para os gentios. Mas o baptismo de João era direccionado a todos os homens, não importava se era judeu ou gentio, todos eram iguais perante Deus e precisavam arrepender-se.

«A aproximação do Reino dos céus significava que os judeus não podiam encontrar segurança no facto de serem descendentes de Abraão; que os judeus, a não ser pelo arrependimento, não poderiam ter mais certeza de que os gentios de que entrariam no Reino vindouro; que ambos, judeus e

⁵⁰ Martin, P. Ralph – *Adoração na Igreja Primitiva*, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, 1975, p. 106.

⁵¹ Idem.

⁵² LADD, George Eldon – *Teologia do Novo Testamento*, p. 60.

gentios, deveriam se arrepender e manifestar seu arrependimento pela sujeição ao baptismo»⁵³.

Sendo assim, podemos dizer que encontramos, tanto em relação ao baptismo dos essénios como no baptismo dos prosélitos, pontos importantes que podem ter influenciado a João Baptista quanto à forma e o significado do baptismo. O baptismo de João Baptista representou uma ruptura decisiva com os sectários, entrou em cena de repente e seu trabalho foi separado geograficamente e sacramentalmente do culto no templo de Jerusalém. E esse baptismo tornou-se em algo evocado e adoptado pelo cristianismo até os dias de hoje.

2.1 – O baptismo de João Baptista e o seu simbolismo

Encontramos nas religiões vários símbolos que levam à construção de um sistema religioso de sinais, o qual intensifica a relação com o transcendente, e podemos ver a expressão destes sinais na linguagem ritual. Os ritos estão presentes em todas as culturas e não necessitam directamente de expressão da linguagem religiosa. No cristianismo, deparamos com os ritos que manifestam, através de uma ou mais acções (gestos), a fé num Deus único. Para muitos autores, o baptismo de João Baptista é considerado um rito de iniciação e também um rito de purificação.

Os ritos de iniciação podem ser colocados entre os ritos de passagem, sendo celebrações que marcam mudanças; isto é, uma transição de *status* do indivíduo no seio de sua comunidade, uma mudança com respeito à estrutura social a que pertence, com novas normas e comportamentos que vão contra o sistema do modelo considerado “velho”. Neste processo de mudança e de identificação coloca-se, assim, um contraponto entre “o novo” e “o velho” existencial. Para Jean Cazeneuve, «o rito é uma acção seguida de consequências reais»⁵⁴ e no rito de iniciação o indivíduo passa de uma condição para outra, da vida profana para a sagrada, sendo também encarado como o mais típico rito de consagração, como que realizando o contacto do homem com o sagrado, fazendo uma separação entre o antes e o depois, dando-lhe uma nova identidade.

Como um rito de iniciação, o baptismo iniciado por João Baptista, sob a influência das abluções que aconteciam no judaísmo, não se apresenta como um auto-baptismo e também sem repetição. Mais distante ainda de ser influenciado pelos gregos, egípcios,

⁵³ LADD, George Eldon – *Teologia do Novo Testamento*, p. 60.

⁵⁴ CAZENEUVE, Jean – *Sociologia do Rito*, Amorrortu, Buenos Aires, 1971, p. 14.

persas e outros povos com suas práticas de abluções, o indivíduo apresenta-se publicamente como pecador, carecendo de perdão dos pecados, uma demonstração de uma busca de “nova vida”. Uma quebra com o passado e o início numa nova vida, com um modelo novo, com novas normas e comportamentos, seguidos de consequências reais, da vida profana para a vida sagrada, que vão contra o sistema do modelo velho. Era, portanto, encarado como uma transição, uma mudança de situação, o início de uma nova forma de viver.

No entanto, os ritos de purificação são acções através dos quais o homem se pode purificar ou tornar puro um qualquer objecto. Em todas as formas religiosas ou religiões existe um sistema de crenças no sobrenatural para poder remover tais impurezas que afectam o ser humano ou obstruem a sua relação com determinada divindade, com o divino. Espera-se uma transformação por parte do indivíduo perante a divindade, a qual se situa no plano da transcendência, buscando uma purificação que leve a uma aproximação ou, pelo menos, à aceitação ou reconhecimento por parte da divindade. Para Jean Cazeneuve;

«[...] os ritos de consagração se sobrepõem ou substituem os ritos de passagem cujo fim único era o de eliminar a impureza na transformação. As duas espécies de rito podem misturar-se numa mesma cerimónia, pois o rito de passagem prepara a consagração da mesma forma que as purificações preparam a iniciação»⁵⁵.

Esses ritos estão presentes em todas as culturas e não necessitam de se expressarem em linguagem religiosa. Mas os ritos estritamente religiosos, na sua maioria, não teriam sentido se não houvesse uma consagração porque a consagração atrai o poder daquilo que é sagrado. Há a necessidade de se comunicar com o sagrado, reconhecendo a sua transcendência. As consagrações agem sobre um poder extra-humano, não afastam o homem de sua condição humana mas «estabelecem uma comunicação com o sagrado, ou se supõe, é para levar o poder numinoso a produzir este ou aquele efeito»⁵⁶.

No baptismo de João Baptista também se encontra, no seu simbolismo, um rito de purificação no qual o indivíduo, quando baptizado, esperava a manifestação de uma mudança, na expectativa de se colocar em contacto com o sagrado. Consagrando-se, buscava a purificação de todos os pecados, poderia então iniciar em uma nova vida à

⁵⁵ CAZENEUVE, Jean – *Sociologia do Rito*, pp. 245-246.

⁵⁶ Idem, p. 248.

espera do Messias⁵⁷. Neste ponto, manifestando um horizonte de natureza escatológica, o baptismo impulsiona uma atitude contra a estrutura social religiosa já existente. O baptismo de João deve ser abordado nesta perspectiva, pois distingue-se da tradição judaica onde o templo era tomado como sendo o local onde se buscava a purificação de seus pecados por meio dos sacrifícios. Assim, como refere Theissen, o baptismo de João Baptista encerrava uma latente oposição ao culto do templo⁵⁸ porque este oferecia a purificação dos pecados para o indivíduo, nos sacrifícios expiatórios e para todo o povo, no dia da reconciliação. Neste sentido, o baptismo de João adquire uma universalidade e uma dimensão espiritual distintas das práticas tradicionais do templo como centro da religiosidade e desloca o seu significado para cada um que busca essa purificação e remissão.

Assim, trata-se de um baptismo de arrependimento para perdão dos pecados, de expectativa messiânica, ou seja, apresentando a vinda do Messias, era direccionado a todos os homens, era de livre decisão, não importava se era judeu ou gentio; todos eram iguais perante Deus e todos precisavam de se arrepender, de se purificar dos seus pecados. Era através do baptismo que se expressava o arrependimento em busca da purificação. O indivíduo não deixava sua condição de homem mas, a partir daquele momento, passava a ter uma nova identidade, deixando sua vida anterior e vivendo uma vida de penitência na expectativa da vinda do Messias.

Como já vimos, para Jean Cazeneuve, «o rito é uma acção seguida de consequências reais»⁵⁹. Esse indivíduo baptizado assumia uma expectativa que não era vista somente por ele próprio mas também pela sociedade em que estava inserido, pois como o baptismo de João era para todos, judeus ou gentios, passava então, a potenciar a formação de um novo grupo na sociedade onde todos eram iguais à espera do mesmo Messias.

⁵⁷ No Novo Testamento, encontramos o termo *Messias* expresso pelo termo *Cristo*, expressão em grego, que na tradição judaica estava associado à promessa da vinda do Messias, o Ungido de Deus para libertar o povo de Israel. Ver Douglas J. D., editor – *O Novo Dicionário da Bíblia*, Edições Vida Nova, 1983, p. 1038.

⁵⁸ THEISSEN, Gerd – *La Religión de los Primeros Cristianos*, Ediciones Sígueme, 2002, p. 158.

⁵⁹ CAZENEUVE, Jean – *Sociologia do Rito*, p. 8.

2.2 - O baptismo como o rito central do novo Movimento de Renovação

Havia um desejo messiânico⁶⁰ por baixo da tensão espiritual vivida naquela época, uma expectativa do “Fim dos Dias”, consequências dos vários povos oprimidos pelo Império Romano, muita miséria e exploração. Muitos homens e mulheres se encontravam contagiados pelo desejo messiânico dos judeus. Entre os judeus existiam diferentes correntes e grupos como os fariseus e os saduceus, os zelotes, os sicários e os essênios, entre outros, partilhando entre todos algo em comum: a fé latente por um futuro melhor.

Havia um grande desejo por algo sobrenatural da parte de Deus, o que para alguns correspondia à redenção trazida pelo Messias que quebraria o jugo dos pagãos e reinaria sobre a Israel restaurada. João Baptista aparece administrando um baptismo de penitência, exortando que está próximo o Reino dos Céus⁶¹.

O baptismo de João Baptista era administrado a um povo que se mostrava resistente a uma cultura helenístico-pagã que lhes era, de certa forma, imposta pelo Império Romano, em meio ao povo judeu e não judeu. O povo judeu vivia uma cultura religiosa onde os símbolos se faziam presentes em toda a parte da vida do indivíduo, levando todas as acções a uma forma de cultuar a Deus, fazendo-se de sua fé algo visível no seu dia a dia, no seu modo de viver e ver o mundo e a sociedade. Os ritos estavam presentes em todos os momentos da vida de um judeu, seja no menor gesto de lavar as mãos.

O ser judeu não garantia a pertença ao Reino dos céus. Deveriam arrepender-se e passar pelo baptismo como prova do arrependimento. Mesmo sendo administrado em meio a uma cultura judaica, não era somente a judeus. João Baptista introduz em meio a um povo que vivia um anseio messiânico, um único baptismo como sinal de sua conversão à espera do Messias, somente os que passavam pelo baptismo de arrependimento é que estavam prontos para entrarem no Reino dos Céus, o Reino do Messias. Um rito já conhecido mas agora como um acto simbólico que colocava em evidência a seriedade da conversão, o que para Theissen leva à seguinte interpretação: «Com esse rito João Baptista esteve sem dúvida a criar no judaísmo um novo grupo. “Como os essênios, que distanciavam, por meio de abluções repetidas, do restante dos judeus e boicotavam o culto do templo”»⁶².

⁶⁰ Relativo ao grande fervor ou devoção à vinda do Messias.

⁶¹ *Mateus*, 3.2, em *A Bíblia para Todos*.

⁶² THEISSEN, Gerd – *La Religión de los Primeros Cristianos*, p. 90.

O baptismo de João Baptista levava a uma não-identificação com nenhuma nacionalidade, colocando todos iguais perante Deus. Ele pregava que haveria de chegar alguém mais poderoso⁶³. Sua pregação e seu baptismo eram à espera do Messias que havia de vir. O baptismo de João Baptista completou efectivamente o seu principal objectivo. A hermenêutica possível da relação entre João Baptista e o baptismo de Jesus Cristo não resulta da necessidade que Jesus Cristo tinha de perdão ou purificação dos seus pecados, mas sim na importância de se identificar com aquele povo que estava a viver em pecado e mostrar que os ritos de purificação no templo já não tinham valor. Portanto, pode-se aperceber o baptismo de Jesus Cristo inscrito nesta vertente de rito de iniciação, pois o ministério de Jesus Cristo começou após o seu baptismo nas águas, como comenta Douglas Davies:

«[...] mas sim como um marco indicador de que Cristo deu início ao seu ministério na qualidade de Filho de Deus, lhe competindo salvar a humanidade de todos os pecados. É precisamente através do baptismo que Jesus se identifica com as outras pessoas»⁶⁴.

João Baptista direcciona os seus discípulos a seguirem a Jesus Cristo, pois para ele, Jesus era o Messias que havia de vir, a quem aquele grupo esperava, respondendo à respectiva expectativa messiânica. Depois deste evento, o baptismo deixou de ser somente ministrado por João Baptista e vemos no Evangelho de João que os discípulos de Jesus Cristo também baptizavam⁶⁵, mostrando a importância de uma prática baptismal no início do ministério de Jesus Cristo.

«Se o baptismo estava a ser praticado com a aprovação de Jesus Cristo, fica mais fácil explicar por que, imediatamente após o Pentecoste, o baptismo logo assumiu seu lugar como rito normal de entrada na comunidade cristã»⁶⁶.

Não podemos esquecer que Jesus Cristo, assim com João Baptista, eram judeus de nascença. Pensavam, viviam como um judeu, sua cultura era judaica, praticavam os ritos judaicos. Para Theissen, Jesus Cristo rivitalizou o significado dos símbolos da religião judaica⁶⁷, pois muitos o identificavam como o Messias, quer na escuta da sua mensagem quer no seu seguimento. Ele anunciava o começo do Reino de Deus, mas não

⁶³ Mateus, 3.11, em *A Bíblia para Todos*.

⁶⁴ DAVIES, Douglas – *Ritos de Passagem*, Coordenação Jean Holm e John Bowker. Publicações Europa-América, 1995, p. 05.

⁶⁵ João, 3.22-26; 4.1-2, em *A Bíblia para Todos*.

⁶⁶ Martin, P. Ralph – *Adoração na Igreja Primitiva*, p. 108.

⁶⁷ THEISSEN, Gerd – *La Religión de los Primeros Cristianos*, p. 40.

rompendo com o judaísmo. Os seus conflitos posicionaram-se dentro do judaísmo e não contra este enquanto tal. Jesus Cristo foi colocado no centro do mundo religioso pelos primeiros cristãos e entronizado nos seus hinos e orações que o colocavam à direita de Deus, suscitando assim a base para a progressiva separação do cristianismo e judaísmo, o que leva essa mensagem a ser proclamada em várias localidades e nações, processo progressivo e complexo de trânsito entre o mundo semita e o helenizado.

Jesus Cristo, depois de sua ressurreição, ordenara a prática do baptismo por parte dos discípulos⁶⁸, ocorrendo uma grande centralidade do baptismo no início da Igreja. Em *Lucas*⁶⁹, Jesus Cristo é descrito usando a linguagem do baptismo para apresentar a sua morte e a sua vitória. Este baptismo passa a ser diferente dos demais já conhecidos, até mesmo diferente do baptismo de João. Entretanto, continua a ser com o uso da água, sendo parte da pregação do evangelho de arrependimento; passa a ser em nome da Trindade⁷⁰, fazendo-se então uma confissão da pessoa de Jesus Cristo como Senhor e Salvador, pois «aquele que crer e for baptizado será salvo»⁷¹. Era preciso crer primeiro e, como um acto, o baptismo colocava em evidência a seriedade da conversão a Jesus Cristo, sendo-lhe submisso à Sua autoridade em obediência à Sua vontade e o que passa também a ser para a salvação. «A sequência de “ouvir”, “crer” e “ser baptizado” é preservada em todas as partes do livro de Actos; e a frequência da menção dá continuidade impressionante à prática apostólica. As ocorrências são: 2.37-38; 2.41; 8.12-13; 8.35-36; 10.44; 11.14-15; 16.14-15; 17.32-33, 18.8; 19.5»⁷².

Assim, o baptismo era um rito de livre decisão, era o rito pelo qual se expressava a sua conversão a Jesus como Senhor e Salvador. Era um acto público de quem, como pecador, carece de perdão dos pecados. Receber o baptismo era a demonstração de uma dedicação total a Cristo por meio da fé e assim era o início de uma vida cristã. Era o único meio de entrar na comunidade da Igreja, na comunidade dos redimidos por Cristo. Para o

⁶⁸ *Mateus*, 28.19, em *A Bíblia para Todos*.

⁶⁹ *Lucas*, 12.50, em *A Bíblia para Todos*.

⁷⁰ A palavra “trindade” não pode ser encontrada na Bíblia e, embora tivesse sido empregada por Tertuliano na última década do segundo século de nossa era, não encontrou lugar formal na teologia da Igreja senão no quarto século. A teologia procura definir a subsistência de Deus afirmando que Deus é um só em Seu ser essencial, mas que a divina essência existe em três modos ou formas, cada qual delas constituindo uma Pessoa, mas isso de tal modo que a essência divina se encontra plena em cada Pessoa. A doutrina cristã da Trindade define Deus como: o Pai, o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo. Para melhor esclarecimento ver Ver Douglas J. D., editor; *O Novo Dicionário da Bíblia*, p 1633.

⁷¹ *Marcos*, 16.16, em ALMEIDA, João Ferreira, *Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada no Brasil*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.

⁷² MARTIN, P. Ralph, op. cit., p. 117.

crente, era uma mudança de *status* existencial, introduzido numa comunhão universal, desnacionalizada, não discriminatória em termos de raça ou de sexo. Era uma nova forma de viver, uma nova comunidade com base nas suas convicções religiosas. Era ser visto pela sociedade como fazendo parte de uma nova religião, um novo povo, um novo grupo designado e reconhecido como cristãos, aqueles que seguiam a Cristo.

Para muitos não era uma decisão fácil. Era encarado como mais uma seita do judaísmo⁷³. Para os judeus, teriam que quebrar com várias tradições, renunciar aos ritos que eram considerados características da identidade dos judeus. Já para os pagãos, era afastarem-se radicalmente do deus de seus pais, das suas tradições. O baptismo e a comunidade estavam profundamente vinculados, um sinal externo de aceitação de comunhão com a Igreja que leva a uma vida prática e não mística⁷⁴. Era o ingresso em uma religião universal, de tradições não ligadas a um povo, a uma nação, um novo sistema religioso, uma nova forma de vida social em que os convertidos abandonavam as tradições dos pais.

O baptismo passa a ser o único a significar um acto que simbolizava uma aliança de Deus com os homens, algo «de uma boa consciência para com Deus»⁷⁵ de morrer para a vida passada e ressuscitar para uma “nova vida”, um contacto com o sagrado, sendo que essa novidade de vida correspondia a um novo comportamento ético e espiritual. Se o crente, pelo baptismo, já ressuscitara com Cristo, então devia buscar e pensar nas coisas que são «lá de cima»⁷⁶, devia despojar-se dos maus hábitos, segundo o padrão de Jesus Cristo, pois já se despiu do velho homem e vestiu-se de um novo homem, revestido de novos hábitos, sobretudo do amor⁷⁷. «Tal mudança, como se um velho se tornasse um recém-nascido; sim, é a nova criação de Deus na alma»⁷⁸. O baptismo passa a ser o rito de iniciação de um novo movimento, que surgiu do judaísmo. E seria talvez uma

⁷³ *Actos dos Apóstolos*, 24.5, 14, em *A Bíblia para Todos*.

⁷⁴ Ver *I Coríntios*, 12.13; *Gálatas*, 3.27-28, em *A Bíblia para Todos*. Para Moody, estas passagens mostram que no baptismo nas águas, além da comunhão com a Igreja, havia um aspecto mais significativo; a pessoa era separada pelo Espírito para viver em união com Cristo e o Seu corpo. Algo realizado somente uma vez, jamais a ser repetido. Conferir em Harrison, Everett F. – *Comentário Bíblico Moody Nuevo Testamento*, Editora Casa Bautista de Publicaciones, 2003.

⁷⁵ *I Pedro*, 3.21, em *A Bíblia para Todos*.

⁷⁶ *Colossenses*, 3.1-2, em *A Bíblia para Todos*.

⁷⁷ *Colossenses*, 3.8-12, em *A Bíblia para Todos*.

⁷⁸ ARMITAGE, Thomas – *A History of the Baptists, Traced by their Vital Principles and Practices, from the Time of our Lord and Saviour Jesus Christ to the Present*, New York: Bryan, Taylor & Co, 1887, p. 282. Disponível na internet: <https://archive.org/stream/ahistorybaptist00armigoog#page/n8/mode/2up> [Consultado a 9 de abril de 2016].

revitalização do próprio judaísmo mas em um nível universal, em meio aos pagãos, nas suas cidades e culturas.

2.3 – O batismo cristão apresentado no Novo Testamento

O batismo é um rito que existe desde o início da Igreja e sabemos que não há cristianismo sem batismo, ele é visto como parte importante da doutrina cristã e, no Novo Testamento, há vários textos que relatam a sua importância e prática. Vemos desde o início o batismo como ensinamento, introduzido por João Batista, ordenado por Jesus Cristo e praticado pelos Apóstolos. Vemos uma narrativa dos factos os quais Jesus Cristo ensinou sobre o batismo e como os seus discípulos compreenderam e levaram essa prática como algo tão importante para a formação do cristianismo. Não podendo esquecer que o batismo já era praticado no judaísmo, logo não era algo novo para os judeus da época do Novo Testamento.

Encontramos, no Evangelho de Marcos, a narrativa sobre o aparecimento de João Batista no deserto: «Assim apareceu João no deserto a baptizar e a proclamar o batismo em sinal de arrependimento para perdão dos pecados»⁷⁹.

Para Walker, a origem do batismo é incerta. Em seu entendimento, «tratava-se provavelmente de uma espiritualização das antigas purificações levíticas»⁸⁰. Tanto que podemos notar que o batismo não era uma novidade, não era uma prática estranha ou recém-introduzida por João Batista, o que segundo Hodge:

«O que era novo era a doutrina que pregava, não a cerimônia que praticava. Essa prática todos conheciam havia muito tempo. Era algo que esperavam ver o Messias fazer, bem como todo profeta verdadeiro. Por isso, quando João lhes disse que não era o Cristo, nem Elias, nem o profeta, a pergunta imediata que lhe fizeram foi: “Então, porque, pois, baptizas?” (João 1.25), dando a entender claramente duas coisas: 1. que os profetas tinham o costume de baptizar; 2. que esperavam que o Messias, quando viesse, fizesse o mesmo»⁸¹.

Neste estudo não se atende ao modo como o batismo era praticado por João Batista mas pretende-se ressaltar a importância da sua pregação, fazendo uma distinção entre o batismo praticado por ele e os já existentes.

⁷⁹ Marcos, 1.4, em *A Bíblia para Todos*.

⁸⁰ WALKER, Williston – *História da Igreja Cristã*, Edição Rio de Janeiro e São Paulo, JUERP/ASTE, 1980, p. 125.

⁸¹ HODGE, Charles – *O Batismo Cristão. Imersão ou Aspersão?* Editora Cultura Cristã, 1998, pp. 13-14.

Considera-se que João Baptista tinha algo singular, mesmo se, na prática desse baptismo, tenha realizado algumas adaptações com respeito aos banhos diários dos essénios⁸², ou até mesmo do baptismo judaico dos prosélitos⁸³, o que não invalida a especificidade do significado do baptismo tal como o praticava, que era um baptismo de arrependimento para o perdão dos pecados. E encontramos isso na narrativa feita no evangelho de Lucas “«João foi por todas as terras junto do rio Jordão e anunciava o baptismo de arrependimento para perdão dos pecados»⁸⁴. O mesmo encontramos nos evangelhos de Mateus e Marcos⁸⁵.

Diante do julgamento iminente, todos deveriam ser purificados. Este era um ponto de distinção do baptismo de João Baptista; era direccionado a todos os homens, não importava se era judeu ou gentio, todos eram iguais perante Deus e precisavam de se arrepender. Neste sentido Ladd afirma que:

«A aproximação do Reino dos céus significava que os judeus não podiam encontrar segurança no facto de serem descendentes de Abraão; que os judeus, a não ser pelo arrependimento, não poderiam ter mais certeza do que os gentios de que entrariam no Reino vindouro; que ambos, judeus e gentios, deveriam se arrepender e manifestar seu arrependimento pela sujeição ao baptismo»⁸⁶.

O baptismo de João Baptista estava de forma profunda relacionado com um arrependimento radical, uma mudança, uma purificação interior e, ao mesmo tempo, moral, que preparava a pessoa para a vinda do reino de Deus e, segundo está escrito no evangelho de Mateus, apresentando o anúncio de João da seguinte forma: «Arrependam-se, porque o reino dos céus está próximo!»⁸⁷; tal como também é narrado no evangelho de Lucas.

Assim, o baptismo de João Baptista transporta algo distinto, como comenta P. Ralph Martin⁸⁸, que os Pais Gregos (patrística grega), bem como em tempos modernos, como por exemplo em C. H. Turner, há uma concordância em ser João Baptista o que marca o início da história do Evangelho, tal como expôs este último autor:

⁸² Uma prática de um auto-baptismo, banhos por imersão repetidos diariamente.

⁸³ Ou baptismo dos gentios, conhecidos como os “tementes a Deus”. Conf. *Actos dos Apóstolos*, 10.22; 13.16, em *A Bíblia para Todos*. O baptismo dos prosélitos já era uma prática conhecida no período do início da Igreja Primitiva. Ele é discutido no Mishnah pelas escolas de Hilel e Shammai.

⁸⁴ *Lucas*, 3.3, em *A Bíblia para Todos*.

⁸⁵ *Mateus*, 3.6-10; *Marcos*, 1.4-5, em *A Bíblia para Todos*.

⁸⁶ LADD, George Eldon – *Teologia do Novo Testamento*, p. 60.

⁸⁷ *Mateus*, 3.2; *Lucas*, 3.7-14, em *A Bíblia para Todos*.

⁸⁸ MARTIN, P. Ralph, *apud* TURNER, C. H – *Adoração na Igreja Primitiva*, p. 106.

«É possível que o prefácio ao Evangelho de Marcos devesse ser entendido: “O princípio do evangelho de Jesus... foi a pregação de João Baptista de um baptismo de arrependimento”, [...] que os textos encontrados em Actos dos Apóstolos 1.22; 10.37 e 13.24-25, confirmam o ministério do baptismo como frontispício do ministério de Jesus Cristo em quem o Evangelho foi concretizado»⁸⁹.

Elevando a atenção na prática distinta de João Baptista, o qual no Evangelho de João lê-se: “«João não era a luz, mas foi enviado para dar testemunho da luz.»⁹⁰, chegando a confessar sobre si mesmo, «eu não sou o Messias»⁹¹.

Segundo o que está nos escritos do Novo Testamento, o objectivo de João Baptista não somente na sua forma de pregar mas, em especial, na sua prática do baptismo, era o de preparar o caminho para a chegada da pessoa de Jesus, o Cristo, o verdadeiro Messias. Lembramos que o próprio João Baptista teve o cuidado, como diz Cullmann, «em definir a diferença entre seu próprio baptismo e o de Cristo: “Eu vos baptizo com água para a conversão... porém Ele vos baptizará com o Espírito Santo e com fogo» (Mateus 3.11)”⁹². A sua prática de baptizar se tornou mais relevante ainda e se distinguiu na sua forma mais extrema, na perspectiva da crença cristã, ao baptizar Aquele a quem ele anunciara, fazendo assim deste acto, «um ponto de partida fixo no que diz respeito ao pleno significado da ordenança cristã»⁹³.

2.3.1 O baptismo no prisma de Jesus Cristo

Como já falamos anteriormente Jesus foi baptizado por João Baptista, mas entretanto, veremos no Novo Testamento que Jesus não praticava ele próprio o baptismo, mas sim os seus discípulos, como está escrito no Evangelho de João: «Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia e baptizava mais discípulos do que João. Na verdade não era Jesus quem baptizava, mas sim os discípulos»⁹⁴.

É atribuído a Jesus Cristo pelo autor do quarto Evangelho as seguintes palavras: «Fica sabendo que só quem nascer da água e do Espírito é que pode entrar no reino de Deus»⁹⁵. E também podemos encontrar em outros Evangelhos que Jesus Cristo, após sua

⁸⁹ MARTIN, P. Ralph, *apud* TURNER, C. H – *Adoração na Igreja Primitiva*, p. 106.

⁹⁰ *João*, 1.8, em *A Bíblia para Todos*.

⁹¹ *João*, 1.20, em *A Bíblia para Todos*.

⁹² BARTH, Karl; CULLMANN, Oscar – *Batismo em Diferentes Visões*, Editora Cristã Novo Século, 2004, p. 63.

⁹³ *Idem*, p. 64.

⁹⁴ *João*, 4.1-2, em *A Bíblia para Todos*.

⁹⁵ *João*, 3.5, em *A Bíblia para Todos*.

ressurreição, ordenou aos discípulos a prática do baptismo. Segundo o autor de Mateus, Jesus Cristo disse: «Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos. Baptizem-nos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo»⁹⁶, e algo semelhante podemos ver no evangelho segundo Marcos, Jesus Cristo a proclamar: «Quem crer e for baptizado será salvo, mas quem não crer será condenado»⁹⁷.

Com essas palavras de Jesus Cristo, o baptismo passou a ser indispensável, comenta Walker:

«O baptismo é o próprio fundamento da Igreja, a qual está edificada “sobre as águas”. Mesmo para Justino (153), como todo do seu pendor filosófico, baptismo efetua “a regeneração” e “a iluminação”. Na opinião de Tertuliano, ele transmite a própria vida eterna»⁹⁸.

Para o povo judeu, toda a sua vida girava em torno de actos religiosos, sendo que aqueles que foram baptizados por João, fizeram-no «para cumprir um fim religioso. Do mesmo modo que faziam com os sacrifícios que ofereciam»⁹⁹, o baptismo era uma cerimónia religiosa, «assim como os dons e sacrifícios».

Como o propósito de João Baptista era preparar o povo para a vinda do Messias, ao ver Jesus e reconhecê-lo como o Messias que haveria de vir, teve então dificuldade e negava baptizar a Jesus dizendo: «Sou eu quem tem necessidade de ser baptizado por ti e tu é que vens ter comigo?», ao que Jesus Cristo responde: “Deixa lá. É bom cumprirmos deste modo toda a vontade de Deus.” E João Baptista concordou em baptizá-lo¹⁰⁰. Pois percebeu que aquele ato, ou seja, o baptismo de Jesus Cristo, era necessário para cumprir «toda a vontade de Deus».

Jesus Cristo não tinha necessidade de purificar-se, mas aquele momento demonstra o seu contacto directo com Deus e sua identificação com as pessoas. O que para Karl Barth significava e explicita com a seguinte expressão: «Jesus que não precisava dessas coisas, submeteu-se a elas, anunciando, assim, aquilo que havia de acontecer no Gólgota e na manhã de Páscoa, declarando, dessa maneira, a sua solidariedade com os pecadores»¹⁰¹.

Jesus Cristo veio para cumprir «toda a vontade de Deus» e essa vontade realiza-se na cruz do calvário, na compreensão desenvolvida pelas comunidades cristãs desde o

⁹⁶ *Mateus*, 28.19, em *A Bíblia para Todos*.

⁹⁷ *Marcos*, 16.16, em *A Bíblia para Todos*.

⁹⁸ WALKER, Williston – *História da Igreja Cristã*, p. 129.

⁹⁹ HODGE, Charles – *O Batismo Cristão. Imersão ou Aspensão?* p. 14,15.

¹⁰⁰ *Mateus*, 3.14-15, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁰¹ BARTH, Karl; CULLMANN, Oscar – *Batismo em Diferentes Visões*, p. 20.

seu início. No pensamento teológico, o batismo de João Baptista era o batismo de arrependimento, ao passo que o povo ia ao seu encontro para serem batizados por causa de seus próprios pecados. Mas Jesus Cristo foi batizado em analogia de sua morte por causa dos pecados de todos os povos. Nesta abordagem, Oscar Culmann esclarece que:

«Jesus é batizado visando um sofrimento substitutivo, implicando Sua morte, pela qual será outorgado o perdão dos pecados a todos os homens. Temos aqui porque Jesus deve solidarizar-se no batismo com todo o povo, ir Ele também à beira do Jordão, a fim de que “toda justiça seja cumprida”»¹⁰².

Ou seja, a fim de se cumprir «toda a vontade de Deus», Jesus Cristo apresenta o batismo como analogia do seu sofrimento por todos os povos. Nisto, podemos então compreender porque é que Jesus Cristo não batizava, não batizava particulares como João Baptista, mas batizou um batismo geral e universal, de uma vez por todas, no momento de Sua morte expiatória como explica Culmann¹⁰³.

O batismo de João Baptista era de preparação para a vinda do Messias, apontava para a pessoa de Jesus Cristo e o batismo apresentado por Jesus Cristo apresentava a cruz, a sua morte e ressurreição. Para Jesus Cristo, o seu batismo significa aquilo que havia de acontecer, «sofrer, morrer pelo seu povo», comenta ainda Culmann¹⁰⁴, e isso não se tratava somente de uma suposição, como está escrito no Evangelho de Marcos, «[...] Porventura podem beber o cálice que eu bebo e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?»¹⁰⁵.

Por essa razão, como já foi considerado, «não era Jesus Cristo quem batizava, mas sim os discípulos»¹⁰⁶, porque Jesus Cristo apresenta o batismo como a sua própria morte, a qual somente Ele poderia passar, somente Ele poderia morrer pelos pecados do povo, somente Ele poderia morrer e ressucitar. E o batismo tornou-se uma representação viva e expressiva da morte e ressurreição de Jesus Cristo como sumo sacerdote. Assim, o indivíduo batizado identifica-se com a morte e ressurreição de Jesus Cristo como veremos no batismo apresentado pelos Apóstolos. Em Jesus Cristo emerge, para as comunidades cristãs nos primeiros séculos, uma hermenêutica existencial, de sentido e de

¹⁰² BARTH, Karl; CULLMANN, Oscar – *Batismo em Diferentes Visões*, p. 20.

¹⁰³ Idem, p. 71.

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ *Marcos*, 10.38, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁰⁶ *João*, 4.2, em *A Bíblia para Todos*.

identificação, centrada numa percepção global da vida enquanto instância de produção teológica.

2.3.2 - O baptismo na perspectiva dos Apóstolos

Vemos que o sermão do apóstolo Pedro, no dia de Pentecostes, sobre a pessoa de Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição, termina com uma pergunta feita pela multidão que o ouvia, «Irmãos, que devemos fazer?»¹⁰⁷ Na resposta a esta pergunta, encontramos a importância do baptismo apresentado pelos apóstolos no Novo Testamento; «Pedro respondeu: “Arrependam-se e cada um seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para que Deus vos perdoe os pecados. E receberão o dom do Espírito Santo”»¹⁰⁸. E esta recomendação foi ouvida e praticada, na descrição dos Actos dos Apóstolos e na memória dos cristãos, por cerca de três mil pessoas. Não sendo o baptismo um rito novo, como já vimos anteriormente, não é de estranhar a quantidade de pessoas que passaram pelo baptismo, indicativo da existência de uma dinâmica societária escatológica e messiânica.

Esse baptismo apresentado pelos Apóstolos é centrado no evangelho, assente na confissão e no significado dado à obra de Jesus Cristo, no revestir-se com Cristo e a participação na sua morte e ressurreição, o que, para Martin, «essa ordenança “representa” actos e eventos salvíficos do Evangelho, e retrata de modo dramático a morte e a ressurreição de Jesus Cristo»¹⁰⁹. Assim, o baptismo apresentado pelos apóstolos perde o seu significado se não houver a confissão de fé na pessoa de Jesus Cristo e em seu nome se realiza o acto de baptizar. Não era fé na pessoa que o baptizava, mas sim, na pessoa em nome de quem era baptizada. A confissão é o acto de reconhecer a Jesus Cristo como Filho de Deus e também o acto da pessoa se entregar a Ele, declarando-o como seu dono. O que leva o baptismo a ser entendido como o «selo dum contrato entre o convertido e Deus. Sua profissão de fé baptismal é, pois, o pensamento em consideração; e corresponde à palavra de fé em Romanos 10.8-10»¹¹⁰.

Nos tempos primitivos, comenta Richardson, a confissão de fé em uso foi muito curta. Ao tomar como exemplo a passagem de Actos dos Apóstolos¹¹¹, quando o eunuco etíope disse:

¹⁰⁷ Actos dos Apóstolos, 2.37, em *A Bíblia para Todos*. “Quando ouviram isto, ficaram muito comovidos e perguntaram a Pedro e aos outros Apóstolos: «Irmãos, que devemos fazer?»”.

¹⁰⁸ Actos dos Apóstolos, 2.38, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁰⁹ MARTIN, P. Ralph – *Adoração na Igreja Primitiva*, p. 123.

¹¹⁰ Idem, p. 125.

¹¹¹ Idem.

«Temos aqui água! Há alguma coisa que impeça de eu ser batizado?» Filipe respondeu: “Se tu crês de todo o coração, não há nada que o impeça.” E ele respondeu: “Eu creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.” Mandou então parar o carro, entraram os dois na água e Filipe batizou-o.»¹¹²

Nesta confissão de fé, ele foi batizado. A doutrina cristã dos primeiros cristãos eram curtas, simples e abrangentes. Os primeiros cristãos reconheceram os princípios fundamentais como essenciais para a religião vital, tendo liberdade no que não era essencial; o que, segundo Richardson, se diferencia da posição da «[...] Igreja de Roma, empilhados de artigos em cima de artigos, até que seu credo se tornou longo e cheio de distinções puxadas por fios»¹¹³.

Os apóstolos passaram então a praticar um batismo, «em nome de Jesus Cristo»¹¹⁴ ou «no nome do Senhor Jesus»¹¹⁵, o que teria um significado muito importante. Muita discussão tem sido evocada pela referência à expressão “nome”. Para P. Ralph Martin, esta expressão “ao nome”, «seria um termo técnico, empregado nas operações bancárias helenísticas, para denotar que uma soma de dinheiro é colocada “ao crédito de” outra pessoa»¹¹⁶, mas Hans Kung considera que «Na cultura dos judeus, na língua hebraica, o “nome” é um conceito jurídico que exprime a autoridade e o estatuto legal»¹¹⁷. No pensamento de Martin, a pessoa passava a pertencer ao Senhor Jesus, fazendo-o seu dono; já no pensamento de Kung, seria entregar-se inteiramente ao Senhor Jesus Cristo e colocar-se sob a sua protecção e a sua autoridade, o que também fica claro com a expressão “senhor”, que vem da palavra grega, “Kyrios”, que tem o significado de senhor, amo, dono, a quem a pessoa pertence.

O arrependimento e a oferta do perdão dos pecados também estavam ligados com o batismo apresentado pelos apóstolos, «Arrependam-se e cada um seja batizado em nome de Jesus Cristo, para que Deus vos perdoe os pecados.»¹¹⁸; «Levanta-te, recebe o batismo, confessa a tua fé no Senhor e os teus pecados serão perdoados»¹¹⁹. A este propósito Zabatiero comenta:

¹¹² *Actos dos Apóstolos*, 8.36-38, em *A Bíblia para Todos*.

¹¹³ RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell Vol. 1*, p. 426.

¹¹⁴ *Actos dos Apóstolos*, 2.38; 10.48, em *A Bíblia para Todos*.

¹¹⁵ *Actos dos Apóstolos*, 8.16; 19.5, em *A Bíblia para Todos*.

¹¹⁶ MARTIN, P. Ralph – *Adoração na Igreja Primitiva*, p. 116.

¹¹⁷ KUNG, Hans – *O Cristianismo Essência e História*, Temas e Debates, 2012, p. 87.

¹¹⁸ *Actos dos Apóstolos*, 2.38, em *A Bíblia para Todos*.

¹¹⁹ *Actos dos Apóstolos*, 22.16, em *A Bíblia para Todos*.

«Embora tais efeitos como o perdão e a salvação sejam do tipo mais intemporal, serem trazidos em claro relacionamento com Cristo e com sua obra redentora faz com que haja sentido em falar de uma cerimônia que até outorga tais bênçãos»¹²⁰.

Mas, entretanto, para confessar e ser batizado, era preciso primeiro crer na pessoa de Jesus Cristo, quem Ele dizia ser e aquilo que os Apóstolos falavam que Ele era. Assim, a fé não estava desvinculada do batismo. Ao que parece, a conversão e o batismo estavam juntos. Através do batismo, a pessoa expressava a sua conversão, a sua entrega ao senhorio de Jesus Cristo, como já falamos anteriormente, sendo-lhe submisso à sua autoridade em obediência e à sua vontade.

Ao que parece, a pregação apostólica enfatizava a prática do batismo. Assim, a rejeição do batismo era uma rejeição à pregação dos Apóstolos, era rejeitar a mensagem do evangelho pregado pelo apóstolo Pedro, Paulo e os outros que proclamaram a necessidade do batismo. A provisão divina foi feita para aqueles que, como o ladrão na cruz, não havia possibilidade de ser batizado mas recusar o batismo cristão era o mesmo que rejeitar a Jesus Cristo. Para qualquer um que se diz seguidor de Jesus Cristo, rejeitar de forma voluntária o batismo, mesmo depois de receber ensino sobre o seu significado era visto como rejeitar a Jesus Cristo e os seus ensinamentos.

Para os apóstolos, é através do batismo que a pessoa se apropria daquilo que Jesus Cristo já fez na sua vida, através da conversão, por meio do arrependimento e da confissão. Constituíam o meio de entrar na comunidade da Igreja, o corpo de Jesus Cristo. Não assumindo tradições não ligadas a um povo específico, a comunidade dos redimidos por Jesus Cristo, introduzida numa comunhão universal, desnacionalizada, sem discriminação de raça e de sexo, conforme é apresentado na *Primeira Carta aos Coríntios*: «Todos nós, judeus ou não-judeus, escravos ou livres, fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo. E todos recebemos o mesmo Espírito»¹²¹. Por isso mesmo, o batismo é considerado o rito de iniciação do cristianismo.

Foi uma ordenança dada pelo próprio Jesus Cristo que agora é Senhor, uma prática que tem o forte significado da morte e da ressurreição, como escrito na *Carta de Paulo aos Colossenses*: «Ao serem batizados, foram sepultados com Cristo e ressuscitaram com ele pela vossa fé no poder de Deus que o ressuscitou»¹²². Em *Lucas* 12.50, Jesus

¹²⁰ ZABATIERO, Júlio – *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Edições Vida Nova, 1981, p. 273.

¹²¹ *I Coríntios*, 12.13, em *A Bíblia para Todos*.

¹²² *Colossenses*, 2.12, em *A Bíblia para Todos*.

Cristo usa da linguagem do baptismo para apresentar a sua morte e victória, como refere Martin:

«De qualquer maneira, claramente interpretava Sua morte como acção baptismal, cheia de profunda relevância para Ele bem como para Sua Igreja. Não pode ser sem conexão deliberada que Paulo emprega exatamente estes dois termos, do baptismo e da morte, na ordem inversa, visto que interpreta o baptismo cristão como sendo a participação da morte e ressurreição de Cristo (Romanos 6.3 ss.; Colossenses 2.12)»¹²³.

Essa ênfase na morte e sepultamento seria morrer para a vida passada e ressuscitar para uma nova vida em Jesus Cristo, marcando assim uma transição e mudança. Podemos então comparar *Gálatas* 3.5: «façam morrer tudo o que pertence a este mundo»; (3.8): «Mas agora deverão libertar-se de tudo isso»; e (3.10): «Foram renovados de acordo com a imagem do próprio Deus». Como resumo, pode-se ainda ler na *Carta aos Gálatas* onde o autor escreve: «Com efeito, todos os que foram baptizados em Cristo revestiram-se das qualidades de Cristo»¹²⁴.

Para os apóstolos, no acto do baptismo, o candidato é chamado a abandonar o seu modo antigo de vida, como se fosse uma veste velha; e, depois, tem o desafio de passar a viver uma vida nova, como se estivesse a vestir-se de uma veste nova, passando a viver uma nova vida em Jesus Cristo. «É que quando alguém está unido a Cristo torna-se uma pessoa nova. As coisas antigas passaram. Tudo é novo»¹²⁵.

Para os apóstolos, era o meio de entrar no seio da Igreja, centrado no evangelho e na confissão, no significado da obra de Jesus Cristo, no revestir-se com Cristo e a participação na Sua morte e ressurreição. É o sinal de arrependimento e perdão, seguido pela fé em nome de Jesus Cristo pelo qual era baptizado.

2.3.3 - O baptismo para a remissão dos pecados

Ao falar sobre o tema do baptismo em seus sermões, Alexander Campbell passou a ensinar que o baptismo era «uma ordenança», praticado pelos apóstolos e que estava directamente «vinculado» com o evangelho da salvação, como base na declaração que “aquele que crer e for baptizado será salvo». Charles Haddon Spurgeon (1834-1892) num dos seus sermões sobre o baptismo afirmou: «Aquele que crê em Cristo, toma-O para ser

¹²³ MARTIN, P. Ralph – *Adoração na Igreja Primitiva*, p. 110.

¹²⁴ *Gálatas*, 3.27, em *A Bíblia para Todos*.

¹²⁵ *II Coríntios*, 5.17, em *A Bíblia para Todos*.

seu Mestre, bem como seu Salvador. E Cristo, portanto, diz-lhe: “Vá e faça assim e assim”. Se o homem se recusa a fazê-lo, ele assim, prova que ele não tem a intenção de ser o discípulo do Mestre»¹²⁶.

Para Alexander Campbell, a cerimónia deveria ser realizada precisamente de acordo com o modelo dado no Novo Testamento, onde os candidatos devem ser admitidos na simples confissão de que «Jesus é o Filho de Deus». No seu pensamento, o baptismo não teria eficácia no abstracto sem antes haver uma fé no sangue de Cristo e um arrependimento profundo e sincero diante de Deus. Nem a imersão na água, nem qualquer outra acção podia garantir as bênçãos da paz e do perdão¹²⁷. O baptismo sem uma confissão pessoal não tinha qualquer valor, tinha que ser acompanhado com a confissão de que “Jesus é o Filho de Deus”, declarando: «Tenho a intenção de seguir os Apóstolos de Cristo e seu Mestre e eu vou ser baptizado unicamente na fé cristã primitiva»¹²⁸. Campbell argumenta que o baptismo «não pode ocupar tanto espaço no tão pequeno volume e ainda ser considerado como uma questão de indiferença, ou de pouca importância. Devemos, portanto, considerá-lo com o respeito e a reverência devida a uma instituição divina muito proeminente»¹²⁹.

O *Evangelho de Marcos* começa narrando a vida de João Baptista que «veio anunciar o baptismo de arrependimento para a remissão dos pecados»¹³⁰. Ponto crucial para o Movimento de Restauração, sobre o qual Alexander Campbell afirmava:

«A forma da expressão é extremamente familiar e inteligível; e, se não fosse por uma contradição imaginária entre o meio e o fim, ou a coisa feita e o alegado propósito ou resultado, ninguém poderia, por um momento, duvidar que o projecto do baptismo era «para a remissão dos pecados». Poucos questionam a sua conclusão de que a preposição “eis” é legitimamente e melhor traduzida como “para” em vez de “até” ou “em”»¹³¹.

¹²⁶ SPURGEON, C. H. – *O Batismo É Essencial Para A Obediência*, p 10. Sermão 2339, Um sermão destinado para ser lido no Dia do Senhor, 17 de dezembro de 1893. Proferido por C. H. Spurgeon no Tabernáculo Metropolitano, Newington. Na noite do Dia do Senhor, 13 de outubro de 1889, [Consult. 12 Jan. 2016] Disponível na internet <URL: <http://oestandardedecristo.com/ebook/349/sermao-n-2339-batismo-essencial-para-a-obediencia-por-c-h-spurgeon>.

¹²⁷ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 60.

¹²⁸ GRAFTON, W. Thomas – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*, p. 88.

¹²⁹ CAMPBELL, Alexander – *Christian Baptism: With Its Antecedents And Consequents*, p. 248.

¹³⁰ *Marcos*, 1.4, em *A Bíblia para Todos*.

¹³¹ CAMPBELL, Alexander – *Christian Baptism: With Its Antecedents and Consequents*, p. 249.

De acordo com as palavras de Marcos, João proclamava o batismo de arrependimento, resultando na remissão dos pecados. Em relação a esta visão sobre o batismo, Alexander Campbell prosseguia afirmando:

«O batismo é ordenado para remissão dos pecados e para nenhum outro propósito específico, não é como uma causa adquirida, como uma causa meritória ou eficaz, mas como uma causa instrumental, em que a fé e o arrependimento são desenvolvidos e torna fecunda e eficaz na mudança das nossas relações estaduais e espirituais pela Trindade, cujos nomes são colocados em cima de nós no próprio acto»¹³².

No seu pensamento, o batismo é uma ordenança¹³³ de maior importância, é para ser administrado uma única vez e a remissão dos pecados não pode ser constitucionalmente apreciada antes do batismo, pois o perdão dos pecados está ligado ao acto de fé chamado de “batismo cristão”¹³⁴. O termo “ordenança” (do Latim *ordinare*, colocar em ordem) denota algo ordenado, decretado ou comandado. Na Grande Comissão, o Senhor declarou: «[...] Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado [...]» (Mateus 28.20). «Ninguém é ordenado para ser batizado para qualquer outra coisa; e de ninguém é dito ter sido batizado por qualquer outra coisa do que para a remissão dos pecados»¹³⁵.

Em sua forma de pensar nenhum homem pode, bíblicamente, dizer ser convertido a Deus até que seja batizado, muito menos dizer ser discípulo de Cristo até que seja batizado. Alexander Campbell comenta, «devemos orar muitas vezes, louvar muitas vezes, comemorar a ressurreição a cada semana, mas nós somos batizados uma única vez».

Richardson comenta o que Alexander Campbell, num de seus debates, disse:

¹³² Idem, p. 256.

¹³³ Histórica e teologicamente, no Movimento de Restauração distingue-se entre as “ordenanças” do Batismo e da Ceia do Senhor e os “sacramentos” dos Romanistas ou algumas linhas protestantes, ou seja, aqueles ritos que se destinam a ser um meio de graça em algum sentido místico. Uma ordenança é uma diretriz ou comando de natureza autoritária (Latim: colocar em ordem, decretar, estabelecer). Um sacramento é um meio de graça através de um determinado elemento, por exemplo, o batismo ou comunhão (Grego: mistério; Latim: sacramentum, segredo, sagrado). A observância do batismo e da Ceia do Senhor são ordens de Jesus Cristo (Mateus 28.20), e não elementos físicos, através dos quais a graça é comunicada de forma secreta ou misteriosa. A “mentalidade sacramental” foi herdada da noção Romana de regeneração baptismal e Missa. A Transubstanciação romanista é em dada extensão revivida na consubstanciação luterana e presente em um determinado grau na ideia reformada de sacramento que postula algo misterioso e além dos elementos físicos.

¹³⁴ Alexander Campbell cita Tertuliano que assume como um princípio fundamental para não ser questionado que a imersão era para a remissão dos pecados; e Orígenes que diz que “O batismo da Igreja é dado para o perdão dos pecados.” Ver CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 233.

¹³⁵ CAMPBELL, Alexander – *Christian Baptism: With Its Antecedents And Consequents*, p. 252.

«Eu sei que vai ser dito que eu afirmei que o baptismo nos salva. Bem, Pedro e Paulo disseram isso antes de mim. Se não foi considerado crime quando eles disseram isso, também não poderia ser de natureza penal para mim. Agora, nós confessamos que o sangue de Jesus Cristo nos limpa de todos os pecados. Mesmo isso, porém, é uma expressão metafórica. O sangue de Cristo, então, para nós que cremos, realmente nos purifica de todo pecado. Eis a bondade de Deus em dar-nos um sinal formal do mesmo, ordenando o baptismo expressamente “para a remissão dos pecados”. A água do baptismo, então, formalmente lava os nossos pecados. O sangue de Cristo realmente lava os nossos pecados. O crente nunca tem seus pecados formalmente lavados ou remidos até que ele seja baptizado. A água não tem eficácia, mas pela ordem de Deus, tornou-a suficiente para esta finalidade. A fé em Cristo é necessária para o perdão dos pecados, portanto, o baptismo sem a fé é uma cerimónia sem sentido. Mesmo a Confissão de Fé, ou pelo menos o Catecismo Maior, diz que o baptismo é um sinal da remissão de pecados. Como, então ele pode ser administrado para aqueles sem fé?»¹³⁶

Para Alexandre Campbell, a validade do baptismo dependia da compreensão daqueles que recebiam a remissão dos pecados através do baptismo, que qualquer pessoa que tenha sido baptizado numa simples confissão de fé em Jesus Cristo recebe verdadeiramente a remissão de pecados. «A doutrina da remissão é a doutrina da salvação, falar de salvação sem o conhecimento da remissão de pecados, é falar sem significado»¹³⁷. E somente deve submeter-se a um outro baptismo aqueles que, no momento de seu baptismo, não acreditavam ser Jesus o Filho de Deus, o Messias. Considerava ainda que o baptismo não era por si só uma prática que se fazia para obter perdão, pois os pecados de alguém não são remidos por ter fé no baptismo mas pela fé em Jesus Cristo.

Para Alexander Campbell, sem arrependimento, o baptismo nada pode efectuar. Por outras palavras, o acto da imersão é sem valor e sem propósito a menos que seja recebido com arrependimento. O baptismo sem arrependimento era inútil; e arrependimento sem baptismo inconcebível:

«Nós não somos ordenados a sermos baptizados para a fé, para o arrependimento, para a justificação, para a regeneração, para a santificação, para adopção, para o Espírito Santo ou para a vida eterna. Somos ordenados a sermos baptizados «para a remissão dos pecados» não para a remissão do «pecado original». Não para a remissão dos pecados ainda por acontecer; mas

¹³⁶ RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell*, Vol. II, Philadelphia: J. B. Lippincott Company, 1870, pp. 82-83. Disponível na internet: <https://archive.org/stream/memoirsalexande00richgoog#page/n9/mode/2up>. [Consultado a 18 de Março de 2016]. Para um melhor entendimento, ver também, CAMPBELL, Alexander - *The Christian System*, p. 224.

¹³⁷ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 187.

para a remissão dos pecados passados, que foram cometidos, sob a paciência de Deus»¹³⁸.

Para Alexander Campbell, toda a descendência do homem que morrer na infância, sem a consciência do bem ou do mal, é inocente, embora contabilizado como pecador por Adão que inflige sobre ele o peculiar e apropriado salário do pecado. Transferindo assim o chamado “pecado original”; como se o pecado de Adão fosse também a ofensa pessoal da sua descendência, pois neste caso a natureza do homem foi corrompida pela queda de Adão, transmitindo, portanto, como de forma hereditária a disposição para fazer o mal, numa natureza caída e pecadora¹³⁹.

Para Richardson¹⁴⁰, todas estas questões foram determinadas pela autoridade fundamentada na Bíblia, seguindo como destaque as características deste movimento religioso, levando-os ao batismo primitivo como a profissão pública da fé, para remissão de pecados. Assim, as pessoas uniam-se ao corpo espiritual de Cristo e eram recebidas na comunhão dos remidos, a Igreja de Cristo (*Gálatas*, 3.27; *I Coríntios*, 12.13).

¹³⁸ CAMPBELL, Alexander – *Christian Baptism: With Its Antecedents and Consequents*, p. 253.

¹³⁹ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 29.

¹⁴⁰ RICHARDSON, Robert – *Memoirs of Alexander Campbell Vol. 1*, p. 405.

Capítulo III

O baptismo cristão em transformação: significado e prática

No início da Igreja, o baptismo era administrado logo após a conversão e não se sabe se houve uma forma específica baptismal instituída por João Baptista ou até mesmo por Jesus Cristo. Mas o que é conclusivo decorre de não haver cristianismo sem baptismo. Como foi anteriormente analisado, o baptismo que, desde o início da Igreja, é considerado o rito de iniciação à comunidade cristã, expressa a fé da pessoa para o seu ingresso no seio da comunidade a partir do momento em que o indivíduo testemunhava a sua fé em Jesus Cristo e se identificava com a sua morte e a sua ressurreição, gerando o vínculo com a nova comunidade crente.

Todavia, houve uma transformação no rito do baptismo, desde o seu significado aquando João Baptista baptizava¹⁴¹ até os dias actuais, principalmente no que respeita à reflexão e à produção teológicas, dimensões para as quais Bonifácio Bernardo chama a atenção:

«A compartimentação dos vários ramos da teologia conduziu a uma tal autonomização dos mesmos que esta originou, de facto, o isolamento indevido de aspectos complementares e interligados da fé, o que veio a repercutir-se na Sacramentologia e, por consequência, na compreensão dos ritos que qualquer Sacramento envolve»¹⁴².

Houve, portanto, ao longo de muitos anos uma perda progressiva do sentido íntimo e profundo dos ritos cristão; o baptismo foi um deles. No baptismo de João Baptista, o indivíduo que desejava ser baptizado não precisava passar por um ensino, bastava pretender e reconhecer a necessidade do baptismo. Foi assim durante muitos anos, no início da Igreja.

Somente na segunda metade do século II, na época de Justino de Roma, que houve a primeira configuração e organização de um ensino sobre o baptismo. Era mais uma preparação de sua prática comunitária enquanto forma de vida como cristão do que sobre conhecimentos doutrinários específicos. O indivíduo tinha que ser apresentado por alguém já pertencente à comunidade cristã. Este seria então o seu padrinho. O indivíduo era

¹⁴¹ Esse significado não diz respeito só a João Baptista ou a quem era baptizado, mas também para o conjunto da comunidade crente.

¹⁴² BERNARDO, Bonifácio – *Simbolismo e Tipologia do Baptismo em Tertuliano e Santo Ambrósio*. Lisboa: Edições Didaskalia, 1989, p. 11.

questionado sobre a sua vida e quais as motivações para querer ser batizado. Em muitos casos, para se ser batizado, tinha que existir uma mudança de estilo de vida e, para alguns, era necessário mesmo o abandono da sua profissão por causa da natureza desta. O batismo só acontecia quando o indivíduo acreditava estar pronto.

Para Tertuliano, entre os séculos II e III, o batismo era a única via de acesso à salvação mas para se ser batizado o indivíduo precisava passar um tempo de preparação. E as mudanças não ocorreram somente nesse período. Encontram-se também alguns enxertos mais tardios sobre o rito do batismo que não se encontram no batismo inicial da Igreja primitiva. Essas alterações verificam-se na introdução de outras formas rituais como uma oração de santificação invocando o Espírito Santo sobre as águas baptismas; uma renúncia ao diabo; um tríplice interrogatório e profissão de fé na água conectados à tríplice submersão ou imersão; uma unção pós-baptismal com óleo; selo com a cruz; imposição das mãos pedindo e invocando o Espírito Santo para uma bênção. Todas estas configurações estão na base da diferenciação sacramental do conjunto das comunidades cristãs no seu processo de complexificação.

«O batismo mais comum era o de imersão num rio ou na piscina de uma casa. Já no século II o batizado era imerso três vezes, acompanhando assim as respostas às perguntas acerca das três pessoas da Trindade. A partir do século III, foi permitido, em caso de emergência ou de doença, dar o batismo deitando um pouco de água sobre a cabeça do batizado, e acrescentou-se também a imposição das mãos por parte do ministro principal da igreja (o bispo), com uma oração, para que o neófito recebesse o Espírito Santo»¹⁴³.

O batismo também foi modificado no que respeita aos dias em que era celebrado: desde o estabelecimento de dias específicos até à sua realização em qualquer ocasião durante todo o ano. O mais comum era, inicialmente, o dia da Páscoa, surgindo, em segundo lugar, alguns dias antes de Pentecostes. Fora esses dias, poderia ser qualquer dia, a qualquer hora. Nos primeiros séculos, foram-se instituindo novos aspectos da disciplina do batismo com o seu apogeu, no século III e no início do século IV, a preparação para o batismo passou a durar cerca de três anos¹⁴⁴.

Depois, houve um declínio destas matérias e o preparo que tinha duração de aproximadamente três anos passou a ser de alguns meses ou o curto período da quaresma.

¹⁴³ DOWLEY, Tim; BRIGGS, John; LINDER, Robert; WRIGHT, David – *História do Cristianismo*, Bertrand Editora Lda, 1995, p. 30.

¹⁴⁴ Nesta época para o indivíduo ser batizado, a sua vida social, a prática e vivência das virtudes cristãs eram mais importantes que o próprio conhecimento da pessoa de Deus.

Assim, teve uma redução para apenas 50 dias antes da Páscoa, data mais comum para a realização dos batismos.

Este processo ocorreu como resultado de um ingresso elevado de pessoas no cristianismo, quando este passou a ser a religião do Império Romano, a religião oficial do Estado romano, na chamada “era constantiniana”, isto é, verificando-se uma massificação da experiência cristã. Houve várias implicações para a Igreja, muitas pessoas queriam ser cristãs, levando à necessidade de um tempo mais curto para a preparação para o batismo, trazendo mudanças para a prática baptismal.

Muitos eram batizados não pela fé, e sim para poderem contrair matrimônio e também para estarem bem diante do poder público que passara a identificar-se com o cristianismo. Ao que parece o batismo passou a ser celebrado normalmente aos Domingos. Toda a informação ou formação sobre o rito e celebração do batismo passaram a ser transmitidas somente depois do batismo. Para alguém como Cirilo de Alexandria, as pessoas estariam mais receptivas ao que lhes seria dito posteriormente¹⁴⁵. Portanto, pode-se considerar que muitos batizados não sabiam o significado exacto do rito.

Até o século IV, a estrutura conhecida do batismo passava pela lavagem baptismal, a imposição de mãos. Mas esta estrutura foi modificada com o referido aumento, mesmo a massificação, dos batismos. A presença de um bispo tornava-se impossível em todas essas cerimônias, passando também a ser aceite o batismo feito por presbíteros, mas somente com a lavagem baptismal, pois a imposição de mãos e a unção somente podiam ser realizadas por um bispo. Estas imposição de mãos e a unção foram reconhecidas como a confirmação do batismo.

Assim, o batismo passava somente a ter o valor após a confirmação feita pelo bispo através da imposição de mãos e da unção. Tudo isto confirma uma progressiva transformação do significado do batismo, quer para os crentes, quer em termos sociais. Já não tinha o significado por si só, como rito de iniciação, onde o arrependimento e a confissão traziam consigo o alcance transformador do rito do batismo; a sua prática passava a estar dependente de uma confirmação posterior.

¹⁴⁵ «Porque eu sabia muito bem que ver é melhor do que ouvir, esperei este momento. Por causa da experiência que fizeram à noite (o batismo), vocês estão mais receptivos para o que deve ser dito.» (*Catequese Mistagógica* 1,1).

A princípio, era conferido só aos adultos mas, no início do século III, começou o baptismo de crianças¹⁴⁶ e, em meados do mesmo século, esta forma de baptismo já se tinha tornado comum, o que leva também a considerar tal facto como contribuindo para o declínio do ensino sobre o baptismo e das suas implicações enquanto convicção e arrependimento. A partir do século VI, o baptismo infantil passou a ser o mais praticado, em seguimento da doutrina de Santo Agostinho sobre o “pecado original”, levando muitas famílias a baptizarem os seus filhos ainda na primeira semana após o seu nascimento para assegurar a protecção da criança numa época em que havia muitas mortes prematuras.

A partir do século V, a idade considerada como idade de discernimento da criança passou a ser quando se completasse sete anos. Com isso, as crianças já não poderiam participar da Ceia do Senhor até que alcançassem a idade do discernimento e passassem pela confirmação. O que leva, uma vez mais, a notar que o baptismo em si já não obtinha o mesmo significado aquando da sua origem, confirmando a dependência do seu significado à confirmação posterior quando chegasse à idade do discernimento. Segundo Genep, com o baptismo infantil, o baptismo passou a ser visto mais como um rito do ciclo da vida¹⁴⁷ do que um rito de iniciação.

Esta foi mais uma grande transformação na prática do baptismo e, por volta do século XIII, muitas pessoas baptizadas ainda não haviam passado pela catequese, facto que levou a surgir uma pequena catequese para se poder então obter a confirmação do baptismo, mesmo com uma idade ainda pequena.

Esta idade foi estabelecida no século XIII como a idade do discernimento: uma idade na qual era possível professar a fé, por meio da confissão dos pecados e por meio

¹⁴⁶ Phillip Schaff, embora um defensor do baptismo infantil, admite que isso é contrário ao espírito do Evangelho, e como um rito não era comum até a época de Constantino: “Quanto aos sujeitos do baptismo; a origem apostólica do baptismo infantil é negada não apenas pelos baptistas, mas também por muitos teólogos pedo-baptistas. Os baptistas afirmam que o baptismo infantil é contrário à ideia do próprio sacramento e, por conseguinte, antibíblico. O Novo Testamento não contém nenhuma ordem expressa para baptizar infantes; tal comando não estaria de acordo com o livre espírito do Evangelho. Tão-pouco havia baptismo infantil obrigatório ou geral antes da união entre Igreja e Estado. Constantino, o primeiro imperador cristão, atrasou seu baptismo até seu leito de morte (muitos demoram agora seu arrependimento); e mesmo depois de Constantino havia exemplos de professores eminentes, como Gregório Nazianzeno, Agostinho, Crisóstomo, que não foram baptizados antes da conversão na idade adulta, embora tenham mães cristãs...” SCHAFF, Philip – *History of the Christian Church, Volume I: Apostolic Christianity. A.D. 1-100*. Christian Classics Ethereal Library, 1882, p. 402. Disponível na internet:

[http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1819-1893_Schaff_Philip_History_Of_Christian_Church_\[01\]_Apostolic_Christianity_AD_1-100_EN.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1819-1893_Schaff_Philip_History_Of_Christian_Church_[01]_Apostolic_Christianity_AD_1-100_EN.pdf)

[Consultado a 5 de março de 2017]

¹⁴⁷ GENNEP, Arnold Van – *Os Ritos De Passagem*, Tradução de Mariano Ferreira, Petrópolis: Vozes. 1978. p. 32.

de penitências. Esta complexificação das circunstâncias baptismais era acompanhada pelo facto de se encontrar na Igreja muitos que se baptizavam não porque sentissem a necessidade de um baptismo para salvação e, muito menos, para remissão dos pecados mas para poderem ser aceites na sua comunidade local.

O que se pode constatar hoje na Igreja contemporânea são muitos baptizados indiferentes à sua fé e muitos, poderíamos dizer, que ainda não estão evangelizados. Pois o baptismo esteve, em tempos, ligado ao medo. Havia uma necessidade do baptismo não por parte do baptizado, mas sim por parte dos pais do baptizado. Temiam que a alma de seus filhos pudesse ficar presa no limbo caso morressem sem o sacramento, o que levou o baptismo a ser visto mais como carácter apotropaico, mais como uma forma de protecção contra o mal, de afastamento do mal. Notamos que essas mudanças não são reflexos da modernidade mas trouxeram consequências para a era moderna e pós-moderna.

«Já foi um rito ligado à fé e quando menos a pertença a Igreja, hoje na melhor das hipóteses podemos dizer na maioria dos casos que é apenas uma tradição de família. Por ser o Baptismo o sacramento mais barato, faz com que muitos pais, ou na maioria das vezes os avós, insistam para que a criança receba esse sacramento, para muitos a intenção seja que a criança cresça com a educação nesta fé»¹⁴⁸.

3.1 – A Desvalorização dos vínculos e a mudança do religioso

A religião é importante como um fenómeno sócio-cultural no estudo de qualquer sociedade. E autores como Comte, Marx, Durkheim, Weber ou Parsons, entre outros, que concentraram a atenção particularmente na realidade europeia, prespectivaram que a vinda da modernidade deslocara a religião que, antes era o centro da sociedade. Progressivamente, situava-se para a periferia societária, já não desempenhando o seu papel tradicional em várias funções essenciais, transferindo-as para outras instituições. Para determinados autores, a religião nestas circunstâncias, com a modernização da sociedade, apresentava uma dinâmica de decrescimento ou até desaparecimento. Considera-se que, através da religião, o homem cria vínculos que oferece e estabelece sentido de pertença. E, na sociedade pós-moderna, os vínculos estão desvalorizados e enfraquecidos, consequência da mudança do religioso em sua compreensão e prática¹⁴⁹.

¹⁴⁸ SANCHES, Andreia – “Por que razão o Baptismo é o rito que menos sofre com a crise da fé?”; *Jornal Público*, 06/07/2014.

¹⁴⁹ Hervieu-Léger «chama de “religião em movimento”, as mudanças que vem ocorrendo no campo religioso». HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, apud

Essa desvalorização dos vínculos trouxe uma quebra de identificação e de laços com as comunidades cristãs.

Ainda nesta perspectiva, o que se nota hoje é uma sociedade onde existe «uma crença sem pertença», ou «uma pertença sem compromisso», por meio de uma crença individual, privada, e totalmente condicionada a uma experiência pessoal. Segundo Teixeira:

«Assim, os indivíduos podem enunciar esta ou aquela crença sem que isso implique qualquer regime de adesão a um movimento, grupo, seita, igreja, ou religião. Mas o inverso é, também, frequente; por exemplo, alguém pode dizer-se Católico sem que isso signifique a aceitação da integralidade do credo cristão»¹⁵⁰.

Continuando esta reflexão, Alfredo Teixeira cita Grace Davie: «poder-se-á falar pois, de “crer sem pertencer”»¹⁵¹, «mas também é verdade que pertencer não conduz, necessariamente, à adesão a um sistema de crenças»¹⁵². A pertença, pois, está ligada à identidade que era formada pelas instituições religiosas que hoje estão fragmentadas, sem o mesmo poder influenciador que tinham nas comunidades mais antigas. Com o surgimento de uma religiosidade privada, a ideia do batismo somente como meio de inserção numa instituição religiosa foi reforçada juntamente com o desejo de pertença, como na chamada “era constantiniana”¹⁵³. Mas agora, sem vínculo, sem prática e sem compromisso, muitas pessoas são levadas a viver sem algo que as identifique, sem uma identidade formada, mesmo quando se auto-nomeiam cristãs. Para Teixeira, estes indivíduos «não vivem qualquer forma de interação e permanecem na periferia da organização eclesial», e esta sociabilidade é vista como uma «religiosidade mole destituída da autenticidade devida»¹⁵⁴.

Notamos, em meio a nossa sociedade, um sistema religioso pluralizado e fragmentado, como consequência, um mundo religioso múltiplo, diversificado, sem uma

TEIXEIRA, Alfredo; *Não Sabemos já donde a Luz Mana, Ensaios Sobre as Identidades Religiosas*, Editora Paulinas, 2004, p. 90.

¹⁵⁰ Idem, p. 79.

¹⁵¹ DAVIE, Grace – *Religion in Britain since 1945. Believing without belonging*, Oxford: Blackwell, 1994, p. 93s, *apud* TEIXEIRA, Alfredo; *Não Sabemos já donde a Luz Mana, Ensaios Sobre as Identidades Religiosas*, p. 79.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Ao passar a ser a religião do Império, o ingresso de pessoas no cristianismo aumentou grandemente e muitas dessas decisões foram questionadas pois não eram motivadas somente pelo interesse de pertencer à religião do Império.

¹⁵⁴ TEIXEIRA, Alfredo; *Não Sabemos já donde a Luz Mana, Ensaios Sobre as Identidades Religiosas*, p. 55.

identidade formada, com uma pertença desvinculada do compromisso. Isto porque, historicamente, na sociedade moderna europeia, a religião deixou de ser o centro da sociedade, passando a ser visto como parte integrante da sociedade, sendo rebaixada para uma mentalidade científica e liberal que levou também ao declínio do valor dos signos, símbolos e das instituições religiosas. O que, para Ferreira, pode ser analisado como um complexo processo:

«A secularização é afinal o amplo processo de mutação e, sobretudo, de deslocação do facto religioso, na sua interacção indivíduo-sociedade, que ocorre depois do grande caldeamento cristianizador na formação da Europa e da constituição da Cristandade ocidental»¹⁵⁵.

Para Durkheim e Weber, mesmo que a religião não estava condenada a desaparecer, mas sim a transformar-se, desfez-se de algumas fórmulas mágicas e adoptou outras novas. Segundo Zepeda, a religião não desaparece¹⁵⁶, não morre, ela transforma-se influenciada pela estrutura simbólica e social na qual tinha lugar, o que Ferreira também afirma quando escreve: “No entanto, nos vários processos de secularização, nem a religião desaparece, nem tão pouco as suas mediações; o que ocorre é, nesse deslocamento, uma recomposição de sua função e das suas manifestações”¹⁵⁷.

Mesmo na actualidade, como comenta Luckmann, observam-se diversas «formas sociais de religião», apresentando-se a religião como individual ou invisível enquanto experiência. Essa vivência tem sido um dos factores mais importantes na prática religiosa. Os vínculos perderam a sua importância, apesar de ainda existirem. Nesse caso, o baptismo ainda é visto como um vínculo importantíssimo para o religioso, mesmo numa sociedade fragmentada, pois é visto como parte do fundamentalismo religioso ainda presente na religiosidade pós-moderna. É no rito do baptismo que o indivíduo se identifica como um cristão. Neste caso, o rito do baptismo cria e reforça o vínculo do religioso com o social, trazendo uma identidade, dando sentido àquilo que é importante. Tal é referido por Zepeda citando Lilian Voyé:

«As tradições religiosas são requeridas com frequência por conta de sua capacidade de outorgar sentido, identidade e um horizonte de valores para os indivíduos. Não quer dizer um regresso à situação religiosa pré-moderna – de hegemonia das grandes instituições religiosas –, ao contrário, afirma que elas

¹⁵⁵ Ferreira, António Matos, *Secularização, Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, 2000, p. 195.

¹⁵⁶ Zepeda, José – *Seculariza ção ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização*. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 25 N° 73.

¹⁵⁷ Ferreira, António Matos – *Secularização, Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, 2000, p. 195.

se encontram limitadas, sem foco no social, relativizadas por um contexto pluralista e sujeitas à contestação interna e externa»¹⁵⁸.

A religião, em muitas sociedades, deixou de ser o centro e passou da esfera do público para o privado, o que, para Peter Berger, corresponde, na modernidade, à deslocação da religião do centro da sociedade para o âmbito privado, possibilitando a emergência e a afirmação da pluralidade religiosa. Ainda assim, a religião continua a trazer mudanças tanto aos indivíduos como às sociedades. Mesmo quando não se expressa de forma estrutural nas instituições, muitas práticas societárias têm com base matrizes dos vários universos religiosos, o que leva Teixeira a referir:

«Num mundo em que a vida social é regida por normas de eficácia e operacionalidade definidas pragmaticamente, a religião deixa de ser o horizonte organizador da vida social e, em particular, da moral, e os indivíduos passam a orientar-se, quanto à capacidade de resposta da religião, às inquietações vividas na procura de bem-estar existencial»¹⁵⁹.

Existe uma necessidade de ter direito de escolha, de liberdade religiosa, onde o indivíduo é que escolhe as suas crenças. Até mesmo os que estão inseridos em uma instituição religiosa já não buscam as suas convicções com base na crença religiosa, mas sim com base em experiências, buscando algo que possa validar a sua crença. Para Teixeira, «a experiência pessoal tornou-se, para esta geração, a norma prevalente que legitima as escolhas quanto às orientações éticas e religiosas»¹⁶⁰. Essas sensibilidades religiosas e culturais sacralizam o texto e valorizam as experiências que apoiam o indivíduo no seu dia-a-dia, trazendo às experiências um valor maior que a própria tradição religiosa, fazendo com que essa tradição não tenha mais valor (embora ainda esteja presente), e sim a experiência com base nas emoções.

A experiência, segundo Teixeira, apresenta-se «ineficaz no desenvolvimento de solidariedades “grupais”»¹⁶¹. Todavia, na perspectiva de muitos, a experiência somente não basta, pois é necessário algo que ligue as pessoas, e por isto persistem os ritos, como o baptismo, pois faz com que o indivíduo se vincule a um grupo. As experiências,

¹⁵⁸ Zepeda, José, cita Lilian Voyé (Voyé, 1999, pp. 275-288) – *Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização*. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 25 N° 73.

¹⁵⁹ TEIXEIRA, Alfredo – *Não Sabemos já donde a Luz Mana, Ensaio Sobre as Identidades Religiosas*, p. 17.

¹⁶⁰ Idem, p. 47.

¹⁶¹ Idem, p. 84.

enquanto vivências individuais, por si só não interligam as pessoas entre si. Teixeira cita Voyé ao afirmar que:

«Neste sentido, se interpreta a persistência aparentemente paradoxal dos ritos religiosos (baptismo, matrimónio, funerais cristãos, etc.) e do ensino religioso que, mesmo neste contexto de recomposição individual das crenças, continuam a desempenhar um importante papel de socialização»¹⁶².

Sem generalizar, antes existia uma sociedade centralizada no religioso, hoje desvinculada e levada ao pluralismo religioso recorda-nos que, em sociedades mais tradicionais, essa mudança trouxe consigo uma fragmentação não isolada do religioso, mas também nos campos cultural e social.

3.2 - O baptismo como produto religioso

O processo de cada indivíduo em viver a sua religião ao seu modo mostra-nos uma pertença sem vínculo, sem prática e sem compromisso. Uma religiosidade institucionalizada, sem valor, e a busca de uma religiosidade que satisfaça as necessidades pessoais, trazendo em si uma diversidade de crenças, onde os vínculos deixam de ser com base em uma crença comum e sim na aceitação de uma religião “à la carte”. Cada um reinventa sua prática religiosa, mesmo estando inserido em uma instituição religiosa. Em muitos casos, as crenças não passam de “produtos religiosos” onde o seu uso é feito somente quando for necessário ou quando for conveniente.

E os ritos não ficam fora disso. Houve uma transformação como no que antes colocava ordem, dava sentido, reforçava os vínculos; hoje, é uma opção de escolha, de onde e quando no percurso religioso deve ser inserido, o que, para muitos, já torna questionável a sua necessidade. Os ritos perderam o seu poder transformador e até mesmo o seu valor, tanto internamente nas instituições como externamente com os indivíduos

O significado já não tem o seu valor, pois a livre escolha das crenças e práticas religiosas tornam os ritos como algo sem valor, deixando de ser algo central e algo que introduz o indivíduo na economia do sagrado. Sendo algo de livre escolha, o rito como o baptismo que antes era um rito de iniciação, agora faz parte do caminhar religioso, algo que pode ser praticado em qualquer altura, quando o indivíduo se achar preparado; já não pelo valor de suas crenças, mas sim do sentimento.

¹⁶² VOYÉ, Liliane – *Les jeunes et le mariage religieux: un émancipation du sacré*, in: Social Compass 38/4, 405-416, apud TEIXEIRA, Alfredo – *Não Sabemos já donde a Luz Mana, Ensaios Sobre as Identidades Religiosas*, p. 84.

Mas, mesmo que esses ritos não sejam vistos como centrais, não deixam de ser encarados como algo que legitima e orienta a participação no religioso.

3.3 - O rito do batismo e seu valor diante das mudanças religiosas

As mudanças ocorridas no domínio do religioso são percebidas enquanto falta de vínculos do indivíduo com as instituições religiosas e a sua não participação nos ritos, consequência de uma forma individual de ver e viver o religioso. Observa-se serem os indivíduos a escolher o que vão acreditar, fazendo uma seleção na própria crença e prática. Já não são necessariamente influenciados pela instituição religiosa, o que leva a desvalorizar os ritos como o batismo que sempre foi visto como um rito de iniciação à fé cristã, agora desvalorizada pela forma autónoma de se interpretar, crer e viver o religioso.

Mas essa desvalorização não é consequência directa do pensamento pós-moderno, mas sim das diversas formas de interpretação do batismo bem como sua prática desde antes da era moderna. No entanto, essa desvalorização não fez com que o rito do batismo, mesmo em sociedades pós-modernas, perdesse sua importância como vínculo com o religioso.

A prática do batismo era de grande importância no início da Igreja, como já referido anteriormente, pois, a partir dele, decorria a vida cristã. Com o tempo, o batismo passou a ser visto como algo separado do meio da comunidade, passando a ser algo pessoal, privado; algo isolado e individualizado. O interessante é que essa já era uma visão no século III e início do século IV, onde o batismo só acontecia quando a pessoa acreditava estar pronta. Contudo, o rito do batismo foi perdendo sua força, pois na tentativa de valorizá-lo, desvalorizou-o, fragmentando-o¹⁶³, introduzindo novos ritos, levando-o a um novo significado para o religioso, numa sociedade onde se desenvolvia uma religiosidade menos cristocêntrica.

O batismo não fica fora de uma interpretação equivocada por parte das pessoas, o que leva a ser visto com outro significado distinto do significado quando instituído. Mesmo os chamados “cristãos nominais”, como coloca Teixeira:

«[...] aproximam-se das igrejas, sobretudo nos ritos de passagem, com o desejo de serem reconhecidos e confirmados na sua identidade, e os ritos tornam-se expressão da consciência de que se está ligado a uma tradição, a

¹⁶³ No sentido de não ter mais o mesmo significado em si próprio, pois foram inseridos outros ritos para dar mais significado ao batismo, como se ele por si só não o explicasse.

uma filiação, a uma terra, a um chão, que recupera uma identidade num quotidiano imerso na mudança»¹⁶⁴.

Nas comunidades onde o baptismo infantil é praticado, há uma preparação pré-baptismal, não com o baptizando mas com os pais e padrinhos. E uma das problemáticas actuais é o facto, na maioria dos casos, de que os seus pais e os seus padrinhos já não participam na comunidade cristã. São, então, poucas as crianças que continuam na comunidade e participam da educação cristã pós-baptismo, retornando somente quando pré-adolescentes, entre os 11 e 13 anos de idade, para receberem o ensino para a confirmação do baptismo. Esta situação ocorre, em muitos casos, sem consequentemente se perceber a necessidade do que implica o baptismo recebido – a salvação e a remissão dos pecados –, não sentindo a pertença à comunidade, procura-se a comunidade cristã somente quando se precisa de um serviço religioso específico¹⁶⁵.

Podemos ver que as diversas formas de interpretação do baptismo por parte da própria Igreja facilitou as diversas compreensões por parte da prática de uma religiosidade fragmentada. Mas a sociedade pós-moderna carece de vínculos, algo que ligue as pessoas, algo que ajude a formar uma identidade com valores e princípios, onde se fortaleçam para vencer os desafios da vida, algo que possa dar um novo começo, uma razão para continuar e sentido para viver.

As pessoas necessitam de algo que delimite o processo da vida, de ritos que as ajudem a lidar com as mudanças de pensamento e comportamento, algo que possa dar direcção, um retorno ao início, uma forma de poder recomeçar, algo que valorize a sua existência, algo que dê sentido à vida.

O baptismo apresenta-se como vínculo que liga o indivíduo ao religioso, dando uma direcção, delimitando, marcando e valorizando a existência do indivíduo, dando-lhe a oportunidade de um recomeço, integrando-o em uma comunidade que lhe dá uma identidade, uma orientação e um sentido de pertença, em uma sociedade pós-moderna, fragmentada e globalizada.

¹⁶⁴ TEIXEIRA, Alfredo – *Não Sabemos já donde a Luz Mana, Ensaio Sobre as Identidades Religiosas*, p. 25.

¹⁶⁵ O que se observa é que, mesmo afastados da participação na comunidade, essas pessoas não se afastaram totalmente dos ritos de passagem.

3.4 – O baptismo que transforma na perspectiva de Alexander Campbell

Pelo exposto, observa-se a latitude da diversidade de atitudes das comunidades cristãs e das sociedades. Para os líderes do Movimento de Restauração, no início do século XIX, o acto do baptismo deveria ser antecedido pelo arrependimento. Para Alexander Campbell, “O verdadeiro arrependimento é, então, sempre consumado na real reforma da vida. E, portanto, carrega em sua essência, a ideia de restituição”¹⁶⁶. Um novo estilo de vida, que Alexander Campbell chama de estilo sagrado¹⁶⁷ com base nas expressões bíblicas: “sendo vivificado”, “feito vivo,” “passagem da morte para a vida,” “nascer de novo,” “voltando-se para o Senhor,” “conversão,” “reconciliação” “arrependimento para a vida”.

Como já citámos, para Jean Cazeneuve, «o rito é uma acção seguida de consequências reais»¹⁶⁸. O baptismo cristão, mesmo para a sociedade pós-moderna, traz consigo suas mudanças, mudanças que devem fazer parte daqueles que em plena consciência decidiram passar pelo baptismo para remissão dos pecados, o qual fará, no indivíduo, mudanças as quais Alexander Campbell diz que se espera do indivíduo com base naquilo que este acredita ser verdade escritas na Bíblia: 1) Mudança de “pontos de vista”. Ele tem em mente que, antes nas trevas como uma pessoa cega, mas agora foi “iluminado” por estar na luz, usando como base textos¹⁶⁹ como este que o Apóstolo Paulo escreveu à Igreja em Éfeso: «Lembrem-se que dantes eram escuridão, mas agora são luz em união com o Senhor. Comportem-se como filhos da luz»¹⁷⁰. Passando da escuridão para a luz, o indivíduo tem uma nova visão de Deus, do próximo e de si mesmo, ou seja, passa a ter uma nova visão do mundo que o rodeia. Uma mudança na forma de ver a vida. 2) Mudança de “afecto” que está ligada ao relacionamento, mas não directamente o relacionamento com o próximo, e sim com Deus. Alexander Campbell traz a expressão de sermos “reconciliados”.

«Pois se, quando éramos inimigos de Deus, fomos reconciliados com ele pela morte do seu Filho, quanto mais estando reconciliados seremos salvos pela

¹⁶⁶ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 58.

¹⁶⁷ Idem, p. 63.

¹⁶⁸ CAZENEUVE, Jean; *Sociologia do Rito*, p. 8.

¹⁶⁹ Existem outros textos que são usados como base para o que Alexander Campbell chama de ter luz, estar iluminado: “Jesus respondeu-lhes: «A luz ainda está convosco, mas só por um pouco de tempo. Caminhem enquanto houver luz, para que a escuridão não vos apanhe! Quem anda na escuridão não sabe para onde vai. Enquanto tiverem luz acreditem nela, para serem luz também»”. Ver João, 12.35-36, em *A Bíblia para Todos*. “Livrou-nos do domínio da escuridão e fez-nos passar para o reino do seu Filho querido”. *Colossenses*, 1.13, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁷⁰ *Efésios*, 5.8, em *A Bíblia para Todos*.

sua vida! E ainda não é tudo. Nós sentimos alegria em Deus por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, por quem agora recebemos a reconciliação»¹⁷¹.

Uma reconciliação, que traz em si mesmo mudança, e com ela uma mudança de “estado”¹⁷², o que, para Alexandre Campbell é ser: “vivificado”; “passagem da morte para a vida”. Uma mudança de estado que pode ser vista no indivíduo, como um divisor de águas, um antes e um depois, que não seria possível sem mudança de “vida”. Alexander Campbell apresenta essa mudança de vida apenas por meio do arrependimento que traz a conversão: «Portanto, arrependam-se e convertam-se, para que Deus vos perdoe os pecados»¹⁷³. Do mesmo modo, o arrependimento é feito para incluir não só a tristeza pelos pecados, mas também uma reforma real de vida, que é o teste de autenticidade da restauração. Em qualquer caso, o seu propósito era lutar contra a ideia de que o arrependimento fosse um mero sentimento. A conversão é uma mudança de todo o homem. Nenhuma definição de fé ou arrependimento ou regeneração, por mais precisa que seja, está fora dos fenómenos psicológicos. Considerando a fé não como um isolado acto mental, mas como o primeiro passo para uma mudança real de todo o homem.

Para Alexander Campbell, o cristão é uma nova criatura e tem como consequência da sua fé praticada pela acção do baptismo. Neste caso, o baptismo cristão vai mais além do que um simples rito religioso, ele traz consigo um significado: a conversão a Jesus Cristo. O indivíduo é ensinado a considerar-se perdoado, justificado, santificado, reconciliado, adoptado e salvo; devendo ser tratado como perdoado, justificado, santificado, adoptado e como uma pessoa salva, mesmo com imperfeições, pela nova comunidade, à qual passa a pertencer.

Neste caso, Alexander Campbell explica que: «todos esses termos são expressivos não de qualquer qualidade da mente, não de qualquer atributo pessoal de corpo, alma, ou espírito; mas cada um deles representa, como todos eles em conjunto, um estado ou condição»¹⁷⁴. Campbell prossegue o seu comentário, afirmando: «Embora esses termos representem o estado e não o carácter, há uma relação entre o estado e o carácter, ou uma

¹⁷¹ Romanos, 5.10, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁷² A passagem da morte para a vida é uma mudança de estado, um antes e um depois, antes morto por causa do pecado, agora vivo por estar em Cristo. Esta mudança somente acontece quando o indivíduo passa a ter um relacionamento com o Deus que dá a vida. “*Estando nós mortos, por causa dos nossos delitos, ele deu-nos a vida juntamente com Cristo*”. Ver *Efésios*, 2.1, em *A Bíblia para Todos*. “*Uma vez que nasceram de novo, não de semente corruptível, mas incorruptível, por meio da palavra de Deus, que vive para sempre*”. *I Pedro*, 1.23, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁷³ *Actos dos Apóstolos*, 3,19, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁷⁴ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 195.

influência que o estado tem sobre o carácter, o que torna o estado de imensa importância em um ponto de vista moral e religioso [...]»¹⁷⁵.

Concernente a isto, podemos ver que os argumentos mais fortes que os apóstolos usavam para exortar os cristãos eram referentes ao seu estado, que havia expectativa de uma exibição de todas as excelências morais e religiosas de carácter influenciado pelo significado e valor do estado em que eles foram colocados. Completa ainda Alexander Campbell:

«Porque perdoados, eles devem perdoar; porque justificados, eles devem viver como justos; porque santificados, eles devem viver uma vida santa; porque reconciliados com Deus, eles devem cultivar a paz com todos os homens, e agir com benevolência para com todos; porque adoptadas, eles devem andar na dignidade e pureza de filhos de Deus; porque salvos, eles devem viver em acção de graças, louvores e regozijo, vivendo sóbria, justa e piamente, desejosos pela bendita esperança»¹⁷⁶.

Assim, segundo Alexander Campbell, a fé é mudança na atitude mental, arrependimento é uma mudança no ideal de vida e início da mudança na sua conduta. O baptismo produz a mudança em estado pelo qual o crente penitente recebe o perdão formal por seus pecados. Alexander Campbell adoptou, de uma vez, os elementos separados, os quais ele já havia anunciado, mas que ainda não havia organizado sistematicamente. No baptismo cristão, a pessoa reconhece o senhorio que Jesus Cristo exerce sobre sua vida, e não somente reconhece como também anuncia à comunidade que é escravo de Jesus Cristo, que Jesus Cristo é Senhor sobre a sua vida. Estar em Jesus Cristo ou sob o senhorio de Jesus Cristo é um privilégio posterior à conversão e o baptismo. A importância do baptismo, e o ensinamento sobre o mesmo, é que é através do baptismo que o indivíduo completa o seu estar em Jesus Cristo. Ele come, dorme, senta-se em casa, ele caminha pelas ruas, tudo isso em Jesus Cristo, sob o Seu senhorio.

Portanto, um baptismo sem compromisso, por não haver uma confissão que o anteceda, perde todo o seu significado, pois essa confissão mostra e expressa a fé na pessoa de Jesus Cristo, em cujo nome o indivíduo é baptizado. Não é fé na pessoa que o baptizava, mas sim, na pessoa em nome de quem era baptizada.

Como podemos ver na *Carta de Paulo aos Gálatas*: «Com efeito, todos os que foram batizados em Cristo revestiram-se das qualidades de Cristo»¹⁷⁷. Neste ponto,

¹⁷⁵ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 195.

¹⁷⁶ Idem, p. 196.

¹⁷⁷ *Gálatas*, 3.27, em *A Bíblia para Todos*.

Alexander Campbell lembra que, na religião, o indivíduo pode mudar seus pontos de vista, até mesmo seu coração, sua forma de pensar, de falar, de tratar as pessoas. Mas, a menos que haja uma mudança de estado, ele ainda continua não justificado, não adoptado, sem vida, sem perdão¹⁷⁸. E reforça que o indivíduo pode até mudar seus pontos de vista, seu carácter, seus sentimentos mas não pode mudar o seu estado. O único meio de um indivíduo mudar o seu estado é através do perdão dos pecados, e esta mudança de estado está necessariamente ligada ao acto de fé chamado de “baptismo cristão”, pois ninguém pode dizer ser discípulo de Jesus Cristo até que tenha sido baptizado de forma consciente.

O apóstolo Paulo exorta em sua *Carta aos Colossenses*, dizendo que uma pessoa muda o seu estado quando pela fé, em obediência, no baptismo, ela é sepultada juntamente com Jesus Cristo: «Pelo baptismo, fomos sepultados com Cristo e tomámos parte na sua morte. Assim podemos viver também uma nova vida à semelhança dele que ressuscitou da morte pelo poder divino do Pai. Se estamos unidos a ele por uma morte como a sua também havemos de estar unidos a ele na passagem da morte à vida»¹⁷⁹.

Para muitos, o baptismo cristão é visto como um mero acto externo e corporal, levando esses indivíduos à prática de um rito sem o significado verdadeiro, sem fé, sem conhecimento. Neste caso, não há mudança de estado e, assim, não havendo uma mudança de estado, não haverá o entendimento do ensinamento do Apóstolo Paulo: «Portanto, já que ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do Céu, onde Cristo ocupa o lugar de honra à direita de Deus. Pensem nas coisas do Céu e não nas da Terra. Porque já morreram e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus»¹⁸⁰.

Alexander Campbell afirma que «é difícil um escravo sentir e agir como um homem livre»¹⁸¹, que no evento conhecido como dia de Pentecostes, as pessoas ali presentes foram informadas de que, embora agora acreditassem e se arrependessem, eles ainda não foram perdoados, e que para serem perdoados deveriam ser baptizadas para a remissão dos pecados.

Naquele dia, cerca de três mil pessoas foram baptizadas, sendo reconhecidas, não somente pelos cristãos, mas por toda a comunidade de Jerusalém, como pessoas convertidas à Jesus Cristo; como para um gentio quando se convertia ao judaísmo, teria que passar pelo baptismo dos prosélitos para ser reconhecido como uma pessoa

¹⁷⁸ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 200.

¹⁷⁹ *Romanos*, 6.4-5, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁸⁰ *Colossenses*, 3.1-3, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁸¹ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 250.

convertida ao judaísmo. Este acto de ser baptizado levava consigo um grande significado, interno e externo, pois perdoados de seus pecados, agora também distintos da comunidade judaica. Os judeus incrédulos, logo após o Pentecostes, sabiam que como acto de fé em Jesus Cristo, muitos judeus foram baptizados, o que levou a criar, segundo Alexander Campbell chamou, uma linha de demarcação entre cristãos e judeus; e que nada poderia ser mais natural do que chamar o acto do baptismo como acto de conversão de um judeu ao cristianismo. E Alexander Campbell completa: «A alma do indivíduo é tão completamente imersa no Senhor Jesus Cristo, como seu corpo está imerso na água. Sua alma se eleva com o Senhor Jesus Cristo, como seu corpo se eleva para fora da água; é em um espírito com toda a família de Deus que ele está baptizado»¹⁸².

Por isso, ao homem é necessário «nascer de novo», porque «[...] só quem nascer da água e do Espírito é que pode entrar no reino de Deus»¹⁸³. Para Alexander Campbell, o «nascer de novo» é a consumação do processo de geração ou criação de uma nova pessoa já formada. Por isso, existe também um nascer de novo no pensar e no agir, uma mudança moral. Garrison comenta, segundo o pensamento de Alexander Campbell:

«É mais adequado para uma acção eficiente em um estado de guerra, é um estado de guerra contra o universo moral, onde a pessoa é projectada para encontrar-se com o Reino de Deus. A fé é o princípio pelo qual o crente entra em posse da bênção espiritual, assim como nada é conhecido ou desfrutado no mundo natural, excepto através dos sentidos, então nada é apreciado no mundo espiritual, excepto através da fé»¹⁸⁴.

Com o baptismo, o modo de existência, ou modo de vida, é totalmente mudado; agora o crente está numa nova relação com Deus, com os homens e consigo mesmo. E tudo isso passa a ter um significado aquando da sua morte, sepultamento e ressurreição com Jesus Cristo. O que Alexander Campbell deixa claro é que o indivíduo não é sepultado com Jesus Cristo, ou deve ser colocado sob a água do baptismo com a finalidade de obtenção da vida, mas para o propósito de desfrutar da vida a qual ele já possui¹⁸⁵. «Fé, arrependimento e o baptismo são as leis de naturalização»¹⁸⁶ por conformidade com as quais os estrangeiros são admitidos para desfrutar os privilégios de cidadania no Reino

¹⁸² CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 257.

¹⁸³ *João*, 3.5, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁸⁴ GARRISON, Winfred Ernest – *Alexander Campbell's Theology, Its Sources and Historical Setting*, p. 165.

¹⁸⁵ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 277.

¹⁸⁶ GARRISON, Winfred Ernest – *Alexander Campbell's Theology, Its Sources and Historical Setting*, p. 181.

de Deus. Conversão e regeneração são as mudanças de estado que ocorrem quando a pessoa muda seu relacionamento com Deus ao entrar no Reino de acordo com estas disposições.

O novo nascimento leva o indivíduo para um novo estado. «É que quando alguém está unido a Jesus Cristo torna-se uma nova pessoa. As coisas antigas passaram. Tudo é novo»¹⁸⁷. Um novo espírito, um coração novo, e um carácter exterior correspondente a esta mudança são os efeitos do processo regenerador. Os grandes resultados desse novo nascimento, desse processo regenerador, são: «viver no amor que é fruto de um coração sincero, de uma consciência boa e de uma fé sem fingimento»¹⁸⁸.

Alexander Campbell comenta ainda:

«O amor é o cumprimento de toda a lei, e o fruto de todo o evangelho. É o princípio fundamental de todo o comportamento cristão, a alma do novo homem, o sopro da nova vida. A fé opera por nenhuma outra regra. É um princípio de trabalho e o amor é a regra pela qual ela opera. O Espírito de Deus é o espírito do amor e da saúde de uma mente sã. Cada pulsação do novo coração é o impulso do espírito de amor. Daí a fraternidade é amada e toda a humanidade abraçada em boa vontade ilimitada. Quando a língua fala, as mãos e os pés se movem e operam sob a orientação desenfreada deste princípio, temos o novo carácter cristão atraído para a vida. Pois a mansidão, a humildade, a misericórdia, simpatia e benevolência activa são apenas os nomes das várias funcionalidades deste todo renovar»¹⁸⁹.

Para Alexander Campbell, o cristão, ou o novo homem, é, então, um filantropo na maior extensão do significado dessa palavra. Verdade e amor têm-no feito livre de todas as tiranias da paixão, da culpa, do medo e vergonha; encheu-se de coragem, activa e passiva. Portanto, sua principal razão de existência passa a ser a de participar com o seu Senhor e Salvador Jesus Cristo na salvação do mundo. E não somente os ministros das comunidades, mas de todo “o novo homem”. Sejam eles comerciantes, mecânicos, lavradores, magistrados, advogados, juízes, funcionários, pais, filhos, irmãos, vizinhos; o que quer, ou onde quer que estejam; eles vivem para Deus, o seu Rei, para o seu Reino e Família. Eles não devem mais associar-se nas práticas dos filhos da ira, dos avaros, dos egoístas, dos orgulhosos, dos caluniadores, dos libertinos, dos bêbados, dos ladrões, dos assassinos, entre outras práticas. Cada novo homem deixou estas práticas e já não é escravo, e sim livre para fazer parte da Família de Deus. Aos que tais coisas praticam, o novo homem deve amar e lhes fazer o bem, mas sem ser coniventes ou participantes

¹⁸⁷ II Coríntios, 5.17, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁸⁸ I Timóteo, 1.5, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁸⁹ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 278.

em suas práticas ou muito menos aceitá-las. O seu dever é amar as pessoas e não as suas práticas¹⁹⁰.

O carácter do novo homem é um carácter transformado. Sentindo-se ele próprio um filho e um herdeiro de Deus, cultiva o temperamento, espírito e comportamento, o que corresponde a tão exaltada relação. Como Jesus Cristo, é para ser o modelo de sua futura glória pessoal, de modo que o carácter que Jesus Cristo manteve entre os homens deve ser o modelo da sua imitação diária. A lei de Deus está escondida em seu coração. “Mas aquele que guarda a sua palavra, nele se realiza de forma perfeita o amor de Deus. É assim que sabemos que estamos unidos a Deus. Aquele que diz que está unido a Deus tem de seguir o caminho que Jesus seguiu”¹⁹¹.

Esta é a mudança de coração, de vida e de carácter que é a tendência e os frutos do processo de regeneração, conforme ensinado e exemplificado pelos Apóstolos, diz Alexander Campbell¹⁹². Eles devem apresentar os grandes factos, declarar todo o testemunho de Deus aos pecadores, com o fim de sua conversão e regeneração. Eles passam a fazer parte da comunidade dos batizados em Jesus Cristo, onde a Igreja é formada por essa comunidade e que pode e deve ter uma influência sobre a sociedade em geral. Para Alexander Campbell, por meio do baptismo, quando precedido pela confissão por meio da fé, regenera. E esta regeneração traz uma mudança de estado, pois regeneração, literalmente, indica todo o processo de renovação ou o criar de uma nova pessoa, que leva a uma mudança de pensamento. Seu ensino em relação à fé pode ser declarado da seguinte forma: «A fé é a crença do testemunho. Onde a fé começa, o testemunho começa; e onde a fé acaba o testemunho termina»¹⁹³. Cuidar das pessoas em meio a suas angústias, não somente para com a família de Deus, mas entre todos os homens, contribuindo com aquilo que tem, com um ardente zelo pela conversão dos pecadores, trazendo em si o valor de sua própria salvação para iluminar o mundo com coisas invisíveis e eternas. «Portanto, já que ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do Céu, onde Cristo ocupa o lugar de honra à direita de Deus. Pensem nas coisas do Céu e não nas da Terra. Porque já morreram e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus»¹⁹⁴.

¹⁹⁰ CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 279.

¹⁹¹ *I João*, 2.5-6, em *A Bíblia para Todos*.

¹⁹² CAMPBELL, Alexander – *The Christian System*, p. 279.

¹⁹³ GARRISON, Winfred Ernest – *Alexander Campbell's Theology, Its Sources and Historical Setting*, p. 217.

¹⁹⁴ *Colossenses*, 3.1-3, em *A Bíblia para Todos*.

O desejo de trazer os não convertidos à família de Deus deve ser maior do que todo o desejo ou realização pessoal, pois todo o desejo e realização pessoal passa a estar ligado ao pensamento que vem do alto, nas coisas do céu e não nas da Terra. Fazendo parte de uma comunidade, um corpo, com a mesma forma de pensar. Com a consciência do que está a fazer, por meio do baptismo, o indivíduo deveria trazer esta mudança, pois assim todos baptizados formariam uma comunidade de pessoas transformadas, em busca de serem agentes de transformação na sociedade onde estão inseridos. Plínio escreve ao Imperador Trajano que tal era o carácter dos cristãos (AD 106-107), «não passava do costume de se reunirem num dia fixo, antes do nascer do sol, para cantar um hino a Cristo como a um deus; de obrigarem-se, por juramento, a não cometer crimes, roubos, latrocínios e adultérios, a não faltar com a palavra dada e não negar um depósito exigido na justiça»¹⁹⁵. Praticada por todos, os cristãos tinham, em comum, as virtudes da justiça, verdade, fidelidade, honestidade. O “negócio desta vida”, no pensamento de Alexander Campbell, será realizado religiosamente, como um subordinado dever para com a vontade de Deus. Não é um “novo homem”, o piedoso, o religioso ou o devoto durante uns dias da semana ou numa hora do dia. Ele adere ao regime de Deus, não por necessidade, mas por escolha. Assim, os seus serviços religiosos são compreendidos e apresentados como sendo a liberdade perfeita. Liberdade esta que pode mudar uma sociedade escravizada pela religiosidade, uma liberdade que pode mudar o pensamento antropocêntrico da sociedade, que pode trazer a prática do amor altruísta, onde os vínculos são valorizados, onde o conceito de que o maior é aquele que serve, de ser exaltado quando se humilha, e onde o forte é aquele que reconhece a sua fraqueza. Nesta perspectiva, para Alexander Campbell, à compreensão do baptismo cristão, em seu significado e prática, corresponderá um processo de crescimento e amadurecimento permanente da consciência de um indivíduo livre que, em sua mudança de estado, passa a ser responsável pela mudança da sociedade onde está inserido.

¹⁹⁵ BOYLE, John Cork – *The letters of Pliny the Younger: with observations on each letter*, Volume 2, London: Printed by J. Bettenham for P. Vaillant, 1751, p.427. Disponível na internet: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433075915052;view=1up;seq=9> [Consultado 17 de Julho de 2017]

CONCLUSÃO

O baptismo cristão sempre foi alvo de debates que, ao mesmo tempo em que apontaram distinções, também serviram como factor de coesão para várias tradições eclesiásticas e sistemas teológicos. No Novo Testamento, o baptismo cristão é visto como parte importante da doutrina cristã, introduzido por João Baptista, ordenado por Jesus e praticado pelos Apóstolos.

Como vimos, o rito do baptismo sofreu, e ainda sofre, várias transformações no seu significado e na sua prática. Vemos que, gradualmente, logo nos primeiros séculos, a problemática do baptismo recebeu outras conotações que não aquelas iniciais que diziam respeito directamente à conversão e ao perdão dos pecados.

De certa maneira, o que era um instrumento de iniciação cristã passou a ter um forte peso sociológico à medida em que o cristianismo se tornava um referencial para a sociedade. A identificação através do baptismo trazia em si um vínculo com o Divino e com uma nova comunidade mas o seu valor foi alterado no seio da Igreja e, conseqüentemente, na sociedade, passando a ser visto somente como um meio de serem aceites em meio à comunidade local, onde muitos baptizados são indiferentes à sua fé.

E, em meio a esta diversidade de pensamentos teológicos, surge, na primeira metade do século XIX, nos Estados Unidos da América, um movimento por nome de Movimento de Restauração, iniciado por Thomas Campbell, o seu filho Alexander Campbell e Barton Stone, propondo um novo tempo para a unidade da Igreja de Cristo espalhada pelo mundo. Para estes homens, havia a possibilidade de unidade por meio de um denominador comum, um elemento estruturante no meio de todas as correntes cristãs ao terem um respeito rigoroso ao que a Bíblia diz.

Para eles, o credo era a Bíblia e os lemas eram: «Falamos onde a Bíblia fala e calamo-nos onde a Bíblia se cala»; «No essencial, unidade; no não essencial, liberdade; em todas as coisas, o amor»; «Usar nomes Bíblicos para coisas Bíblicas»; «Nenhum credo, somente Cristo, nenhum outro livro, só a Bíblia»; «A Bíblia é a nossa única regra de fé e prática» e «Não somos os únicos Cristãos, mas unicamente Cristãos».

Estes homens tiraram toda a jurisprudência criada pelo sistema religioso em volta da Bíblia e buscavam a unidade cristã, unidade descrita pelo apóstolo Paulo: «Há um só corpo e um só Espírito, do mesmo modo que a esperança para a qual foram chamados é uma só. Existe um único Senhor, uma só fé e um só baptismo. Há um só Deus, Pai de todos, que está acima de todos e que actua através de todos e em todo»

(*Efésios*, 4.4-6). Para Alexander Campbell, a única possibilidade de unidade seria por meio de um denominador comum, um elemento estruturante no meio de todas as correntes cristãs, um respeito rigoroso ao que diz o Novo Testamento.

O que podemos ver é uma variante do contributo cristão para o viver democrático. O viver democrático é a tentativa de viver a base constitucional, tomando a Bíblia como fundamento, para criar unidade.

O baptismo cristão tornou-se o ponto central deste movimento. Defendido por Alexander Campbell como um baptismo para remissão dos pecados, um baptismo que muda e transforma o indivíduo e a sociedade na qual está inserido. Esta posição com relação ao baptismo produziu debates em meio a imensidão de perspectivas sobre o baptismo cristão no seio das comunidades existentes. Durante muitos anos, os líderes do Movimento de Restauração lutaram pela unidade do Corpo de Cristo, chegando ao momento em que o próprio movimento se ramificou até os dias de hoje, dando origem a três grupos de Igrejas: Igrejas de Cristo (Cristãs), Igrejas de Cristo (a Capela) e a Igreja Cristã (Discípulos de Cristo).

Movimentos como este têm uma grande importância em nossa sociedade contemporânea e trazem consigo uma grande relevância societária e histórica.

Relevância Societária porque agora, deste indivíduo perdoado, espera-se que viva uma vida de perdão para com o próximo; justificado, que busque viver uma vida justa perante os homens; reconciliado com Deus, que viva uma vida de paz com todos os homens.

Com isso, podemos dizer que, numa análise histórica, como memória e como dinâmica societária, o baptismo cristão cria e reforça o vínculo do religioso com o social, trazendo uma identidade, seja de consciência, seja de pertença, na sua dimensão de transformação; e como vínculo da assunção da atitude de fé no seio das sociedades onde o cristianismo se apresenta.

Com base no sentido de pertença com compromisso, o indivíduo passa a viver aquilo que acredita e acreditar n'Aquele para quem passa a viver. Trata-se de perceber o que significa ser baptizado e, por uma decisão consciente, levará o indivíduo a um processo de crescimento e amadurecimento permanente da consciência de um indivíduo livre. O baptismo apresenta-se como vínculo que liga o indivíduo ao religioso, dando uma direcção, delimitando, marcando e valorizando a existência do indivíduo, dando-lhe a oportunidade de um recomeço, integrando-o em uma comunidade que lhe dá uma identidade, uma orientação e um sentido de pertença.

E relevância histórica, a própria história nos mostra a grande importância de homens e mulheres que, por meio de movimentos como este mudaram a vida de muitas pessoas em meio a sociedades mais adversas, que buscaram algo não pensando em si mesmos, mas em outras pessoas, mesmo que elas não merecessem.

E é por isso que hoje estamos aqui a falar sobre este movimento, porque, querendo ou não, causou um impacto na sociedade de sua época e ainda causa até os dias de hoje. O Movimento de Restauração está presente hoje com missões em 180 países do mundo, pois acredita-se que somente a compreensão do batismo como uma prática de iniciação, de conversão e de remissão dos pecados, pode desenvolver a percepção do que é a sua natureza por parte de quem o recebe, ao que corresponderá um processo de um crescimento, de um amadurecimento permanente da consciência de um indivíduo livre.

Esta compreensão leva o indivíduo a perceber o que significa ser batizado e, por uma decisão consciente, receber o perdão, a justificação, a santificação, a reconciliação, a adoção e a salvação, todos vínculos com o Divino.

Porque agora, deste indivíduo perdoado, espera-se que viva uma vida de perdão para com o próximo; justificado, que busque viver uma vida justa perante os homens; reconciliado com Deus, que viva uma vida de paz com todos os homens.

Bibliografia

ALMEIDA, João Ferreira – *Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada no Brasil*. São Paulo: Eddies Vida Nova, 1997.

Bíblia (A) para Todos, Tradução Interconfessional, Portugal: Sociedade Bíblica de Portugal, 2009.

BARTH, Karl; CULLMANN, Oscar – *Batismo em Diferentes Visões*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.

CAMPBELL, Alexander – *Christian Baptism: With Its Antecedents And Consequents*. Bethany: Printed and Published by Alexander Campbell, 1851. Disponível na internet: <https://archive.org/stream/christianbaptism01camp#page/n5/mode/2up>.

CAMPBELL, Alexander – *The Christian System, in Reference to the Union of Christians, And a Restoration of Primitive Christianity, as Plead in the Current Reformation*, Bethany: Publisher Pittsburg, Forrester & Campbell, 1839. Disponível na internet: <https://archive.org/stream/christiansystem010camp#page/n3/mode/2up>.

CAMPBELL, Thomas – *Declaration and address of the Christian association of Washington*. Record Publishing Company Coraopolis PA., 1908. Disponível na internet: <https://archive.org/stream/declarationaddre00campiala#page/n0/mode/2up>

DOUGLAS J. D., editor – *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.

DOWNING, William R. – *Batismo Cristão, por John Gill, John Piper & C. H. Spurgeon*, 2015. Disponível na internet: <http://oestandartedecristo.com/ebook/detalhe.php?id=235>.

HARRISON, Everett F. – *Comentario Bíblico Moody Nuevo Testamento*. Editora Casa Bautista de Publicaciones, 2003.

HODGE, Charles – *O Batismo Cristão. Imersão ou Aspersão?* [Brasil]: Editora Cultura Cristã, 1998.

LADD, George Eldon – *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

SPURGEON, C. H. – *O Batismo É Essencial Para A Obediência (Sermão No 2339)*, by C. H. Spurgeon: The Metropolitan Tabernacle Pulpit, Volume 39, 2015. Disponível na Internet: <http://oestandardedecristo.com/ebook/349/sermao-n-2339-batismo-essencial-para-a-obediencia-por-c-h-spurgeon>.

ZABATIERO, Júlio – *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova. 1981.

AHLSTROM, E. Sydney – *A Religious History of the American People*, New Haven and London, Yale University Press, 1972.

ARMITAGE, Thomas – *A History of the Baptists, Traced by their Vital Principles and Practices, from the Time of our Lord and Saviour Jesus Christ to the Year 1886*. New York: Bryan, Taylor & Co, 1887. Disponível na internet: <https://archive.org/stream/ahistorybaptist00armigoog#page/n8/mode/2up>.

BERNARDO, Bonifácio – *Simbolismo e Tipologia do Baptismo em Tertuliano e Santo Ambrósio*. Lisboa: Edições Didaskalia, 1989.

BOYLE, John Cork – *The letters of Pliny the Younger: with observations on each letter, Volume 2*, London : Printed by J. Bettenham for P. Vaillant, 1751. Disponível na internet: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433075915052;view=1up;seq=9>.

DAVIE, Grace – *Religion in Britain since 1945. Believing without belonging*, Oxford: Blackwell, 1994.

DOWLEY, Tim; BRIGGS, John; LINDER, Robert; WRIGHT, David – *História do Cristianismo*. Lisboa: Bertrand Editora Lda., 1995.

FIFE, Davis Jefferson – *As Marcas das Igrejas de Cristo/Cristãs*. Material Apresentado na Atualização Teológica das Igrejas de Cristo no Brasil, 2005.

GARRETT Leroy – *The Stone-Campbell Movement*. Joplin, Missouri: College Press Publishing Company, 1981.

GARRISON, Winfred Ernest – *Alexander Campbell's Theology, its sources and historical setting*, St. Louis Christian Publishing Company, 1900. Disponível na Internet:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nnc2.ark:/13960/t19k4g654;view=1up;seq=1>

GRAFTON, W. Thomas – *Alexander Campbell, Leader of the Great Reformation of the Nineteenth Century*. St. Louis: Christian Publishing, 1897. Disponível na internet:

<https://archive.org/stream/alexandercampbe00grafgoog#page/n8/mode/2up>

ARMITAGE, Thomas (1819-1896) - *History of the baptists*. Disponível na internet:

<https://archive.org/details/HistoryOfTheBaptists>.

KUNG, Hans – *O Cristianismo: Essência e História*. Lisboa: Temas e Debates, 2012.

MARTIN, P. Ralph – *Adoração na Igreja Primitiva*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1975.

MILLIGAN, Robert – *Exposition and defense of the scheme of redemption as it is revealed and taught in the holy scriptures*. Nashville, Tennessee: Gospel advocate Company, 1972.

MONROY, A. Juan – *Movimiento de Restauración, Historia y Documentos*. Madrid: Editora Irmayol, 1986.

RICHARDSON, Robert; *Memoirs of Alexander Campbell*. 2 Volumes. Philadelphia: J. B. Lippincott Company, 1868. Disponível na internet: (1º volume)
<https://archive.org/stream/memoirsofalexand00rich#page/n3/mode/2up>;
e (2º volume)
<https://archive.org/stream/memoirsalexande00richgoog#page/n9/mode/2up>.

SCHAFF, Philip – *History of the Christian Church, Volume I: Apostolic Christianity. A.D. 1-100*, Christian Classics Ethereal Library, 1882. Disponível na internet:
[http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1819-1893,_Schaff,_Philip,_History_Of_Christian_Church_\[01\]_Apostolic_Christianity_AD_1-100,_EN.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1819-1893,_Schaff,_Philip,_History_Of_Christian_Church_[01]_Apostolic_Christianity_AD_1-100,_EN.pdf)

THEISSEN, Gerd – *La Religión de los Primeros Cristianos*. Salamanca: Ediciones Sígueme. 2002.

TRISTANO, Richard – *The Origins of the Restoration Movement: An Intellectual History*. Atlanta: Glenmary Research Center, 1988.

WALKER, Williston – *História da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro e São Paulo: Edição JUERP/ASTE, 1980.

CAZENEUVE, Jean – *Sociología del rito*. Buenos Aires: Amorrortu, 1971.

DAVIES, Douglas – *Ritos de Passagem*. Coordenação Jean Holm e John Bowker. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1995.

FERREIRA, António Matos – «*Secularização*». *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

GENNEP, A. V; *Os ritos de passagem*. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1978.

SANCHES, Andreia – «Por que razão o batismo é o rito que menos sofre com a crise da fé?». *Jornal Público*, de 6 de Julho, de 2014.

TEIXEIRA, Alfredo – *Não Sabemos Já Onde a Luz Mana, Ensaio Sobre as Identidades Religiosas*. Lisboa: Editora Paulinas. 2004.

ZEPEDA, José – «Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização». *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 25, nº 73.